



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**Isabela Vitória Ribeiro Rodrigues**

**O Turismo Pedagógico como tema transversal na Educação Fundamental no  
Distrito Federal**

Brasília/DF

2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**Isabela Vitória Ribeiro Rodrigues**

**O Turismo Pedagógico como tema transversal na Educação Fundamental no  
Distrito Federal**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Excelência em  
Turismo da Universidade de Brasília  
CET/UNB para obtenção do título de  
Bacharel em Turismo sob a orientação de  
Marutschka Martini Moesch.

Brasília/DF

2023

RODRIGUES, ISABELA

O Turismo Pedagógico como tema transversal na Educação Fundamental no Distrito Federal – Brasília, 2023.

67 f.

Monografia – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2023.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Marutschka Martini Moesch

1. Turismo Pedagógico. Cidadania. Educação Patrimonial. Transposição Didática.

Brasília, 2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**  
**GRADUAÇÃO EM TURISMO**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília CET/UNB para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

**O Turismo Pedagógico como tema transversal na Educação Fundamental no Distrito Federal**

**Isabela Vitória Ribeiro Rodrigues**

Banca Examinadora:

---

Prof. Orientadora Dr<sup>a</sup> Marutschka Martini Moesch

---

Prof. M<sup>a</sup> Mariana Tomazin

---

Prof. M<sup>a</sup> Maria de Fátima Mussi Carneiro Monteiro

---

Prof. M<sup>a</sup> Alessandra Santos dos Santos

Brasília, 17 de Fevereiro de 2023

Dedico este trabalho a Deus, que com seu infinito amor e bondade esteve comigo em todas as circunstâncias e aos meus pais, Luiz e Célia que me incentivaram e estiveram comigo sempre.

## **Agradecimento**

Agradeço a Deus, meus pais Luiz e Célia, aos meus irmãos e às minhas avós que com todo amor e carinho me ajudaram a conquistar meus objetivos.

À minha orientadora Maru, que esteve comigo em todos os momentos e me orientou com muito carinho, cuidado e atenção para que eu pudesse passar por esse caminho da forma mais tranquila possível. Sempre serei grata por tudo!

Agradeço ao meu grupo, Dayene, Maria Eduarda e Sophia, minhas companheiras nesse longo caminho, abraçaram minhas ideias e viveram intensamente cada momento ao meu lado. À Lorranny, por ser a minha gêmea de alma e estar comigo sempre. Ao Guilherme e Anderson que me auxiliaram em meio aos surtos e foram amigos preciosos e à Quezia que leu cada pedacinho deste trabalho, me encorajou e incentivou a dar o máximo de mim.

Ao Centro Acadêmico de Turismo e Empresa Polaris Jr. agradeço a confiança em ser a Presidente e o incentivo diário para ser parte do Turismo de todo corpo e alma. Também agradeço a Atlética Turbinada que me acolheu como Diretora e me deu a chance de vestir a camisa do Turismo. Cada uma dessas entidades acadêmicas me permitiu viver momentos inimagináveis com vivências que levarei sempre comigo.

À Universidade de Brasília em especial, ao Centro de Excelência em Turismo, por me conceder tantas realizações, agradeço a confiança que depositaram em mim para desempenhar tantos papéis na UnB e, assim, representar o CET frente a UnB.

A cada professor que tive o prazer de conhecer no CET que me auxiliaram constantemente nos bons e maus momentos com suas palavras de apoio e de puxão de orelha, cada um incentivou a dar o meu melhor em diferentes cenários.

E a Isa do passado e a do presente que se perdeu milhares de vezes mas foi forte e conseguiu se encontrar sempre.

Muitos ciclos e realizações pessoais são marcados pelo processo e pelas pessoas que colaboraram, com isso, agradeço a todos que fizeram parte da minha graduação, do momento em que comecei a estudar para ingressar na Universidade, até este, que estou concluindo esta longa jornada. Muito Obrigada!

*Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio; ensina ao justo, e ele crescerá em entendimento.*

Provérbios 9:9

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende apresentar o Turismo Pedagógico como tema transversal na Educação Fundamental no Distrito Federal, e assim, analisar essa prática como possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania. Para isso, será apresentado um quadro teórico que destaca os fundamentos do Turismo como ciência interdisciplinar e suas implicações, tendo em vista o Turismo Pedagógico e suas possíveis proposições na formação cidadã. O caminho metodológico se dá por meio de uma pesquisa qualitativa de nível descritivo e interpretativo por um estudo de caso, sendo realizadas entrevistas focalizadas e semi-estruturadas de vivências coletadas no ambiente escolar, especificamente pelo ensino fundamental e dando voz aos protagonistas de ensino que são responsáveis também pelo desenvolvimento pedagógico dos alunos em relação a importância da educação patrimonial e com isso, compreender o que é o ser cidadão. A partir das evidências desenvolvidas ao longo da pesquisa, é possível constatar a importância da implementação de metodologias práticas de ensinagem para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e percepções do que é patrimônio, a sua importância e a relação que há entre o sujeito e o lugar que está inserido. Partindo do pressuposto de que o contexto político atual, referente aos recentes episódios de destruição a patrimônios públicos e históricos, interfere negativamente na população e na geração sucessora. Fica evidente também que é necessário exercer um novo olhar acerca da vivência juvenil em relação ao sentimento de pertencimento do território, da cultura e da memória dos potenciais turísticos existentes no Distrito Federal, a fim de que o Turismo Pedagógico e Cidadão possa impactar positivamente o lugar e conseqüentemente obter transformação social, cultural, histórica e econômica, juntamente com a transposição do conhecimento abordado nesta pesquisa.

**Palavras-chaves:** Turismo Pedagógico. Cidadania. Educação Patrimonial. Transposição Didática.



## **ABSTRACT**

This study intends to present Pedagogical Tourism as a crosscutting theme in Elementary and Middle School in Federal District, analyzing this activity as a possibility of didactic transposition of the subjects taught and amplification of citizenship. In order to do that, a theoretical framework that highlights the fundamentals of Tourism as an interdisciplinary science and its implications, keeping in focus Pedagogical Tourism and its potential in the development of a citizen will be presented. The methodological path it's originated from qualitative research in a detailed level and interpretative in a case study, where focussed and semi-structured interviews were made in a school environment, with the purpose of understanding living experiences, specifically from the Elementary and Middle School giving voice to the protagonists of teaching that are also responsible for the pedagogical development of students in relation to the importance of patrimonial education, and with that the understanding of what is a citizen. From the evidence developed during the research, it's possible to affirm the importance of introduction of the methodology of practical teaching for the development of critical opinion of students and the understanding of patrimony, its importance and the relation of the individual and the location. Mentioning the actual political context, referring to the most recent episodes of destruction of public and historical heritage, it negatively interferes with the population and the succeeding generation. It is also clear that its necessary to exercise a new way to observe the experience of the youth regarding the feeling of belonging to the territory, culture and memory of the potential touristic sights that exists in Federal District, in order to make Pedagogical and Citizen Tourism impact positively on its location and obtain social, cultural, historical and economic transformation with the transposition of knowledge approached in the research.

**KEY WORDS:** Pedagogical Tourism. Citizenship. Heritage Education. Patrimonial Education. Didactic Transposition.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Ecosistema Turístico

Figura 2 - Modelo de produção do conhecimento em Turismo de Jafari

Figura 3 - Mapa do Distrito Federal pontuando as Regiões Administrativas que foram mencionadas nas entrevistas.

Figura 4 - Passeio ao Jardim Botânico de Brasília

Figura 5 - Alunos do CEF 1 em visita à Catedral de Brasília

Figura 6 - Passeio escolar na Praça dos três Poderes

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Síntese das definições acerca dos termos relacionados ao Turismo Pedagógico

Quadro 2 - Relação dos lugares visitados e a transposição didática pretendida

## **LISTA DE SIGLAS**

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MTUR - Ministério do Turismo

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

SEEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

TCT - Temas Contemporâneos Transversais

OMT - Organização Mundial do Turismo

DF - Distrito Federal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>17</b>
<b>O TURISMO COMO CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR</b>	<b>17</b>
1.1 Os desafios da interdisciplinaridade nas práticas de ensinagem	17
1.2 A compreensão do Turismo como ciência interdisciplinar	18
1.3 O Turismo Pedagógico	23
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>28</b>
<b>AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALÉM DA SALA DE AULA</b>	<b>28</b>
2.1 Caminho metodológico	28
2.2 Reconstruindo as categorias de análise para o estudo proposto	32
2.2.1 Práticas pedagógicas	32
2.2.2 Estudo do meio	33
2.2.3 Transposição didática	33
2.2.4 Turismo Cidadão	34
2.2.5 Educação Ambiental	35
2.2.6 Educação Patrimonial	36
2.2.7 Hospitalidade	37
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>39</b>
<b>DIMENSÃO CIDADÃ DO TURISMO PEDAGÓGICO</b>	<b>39</b>
3.1. Concepção de Turismo e Turismo Pedagógico dos Professores	39
3.2 Limites e possibilidades da transposição didática do Turismo Pedagógico para o ensino fundamental	43
3.3 O papel do educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico	52
<b>EVIDÊNCIAS FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

O Turismo como tema transversal na educação vem ganhando força com o passar dos anos, por meio do Turismo Pedagógico, também chamado de Turismo Educacional que, por sua vez, propõe uma didática dinâmica e interdisciplinar, promovendo passeios de campo, visitas técnicas ou até mesmo viagens que estimulam o processo de aprendizado do indivíduo, possibilitando uma projeção imagética nos conteúdos de ensinagem.

A qualidade de ensino está em constante desenvolvimento, sendo necessárias novas formas de ensino-aprendizagem que sejam benéficas para a Educação Brasileira como um todo. Além disso, a valorização da experiência extra-escolar é um dos princípios descritos no Art. 3º da Lei nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 (Brasil,1996). Logo, o ambiente escolar que permite tais formas de ensinagem, possibilita ao discente não só a oportunidade de sair do espaço educativo formal, mas também conhecer o lugar que vive e outros espaços importantes para a sua formação cidadã.

Mateus (2008, p. 23) ressalta:

O Estudo do Meio, quer físico quer social, será o espaço privilegiado para concretizar estas iniciativas que se querem interdisciplinares, solidárias, flexíveis, democráticas, humanas e que visem estimular o aproveitamento dos recursos locais encararão a diversidade como factor de enriquecimento que dêem à Escola um novo sentido alicerçado em mudanças de atitude e base de motivação à elaboração.

Os processos de ensinagem tem tido diversas alterações ao passar dos anos e as práticas pedagógicas de ensino informal podem "Estimular o aluno a pensar e manifestar-se de forma que valida os conhecimentos adquiridos nos diferentes campos do saber para exercer com sabedoria o seu papel social" (GASPARIN, 2005).

Segundo Alves e Anastasiou (2015, p. 3) ensinar não é apenas expor um conteúdo, ou seja, apresentar conteúdos por meio de passeios de campo, dinâmicas e outras metodologias ligadas às práticas de Turismo, são capazes de incentivar um aprendizado a longo prazo, que perdura, para além da avaliação, devido às metodologias utilizadas para aproximar o educando do conteúdo programático de

forma relacional às teorias devido a vivência concreta, sendo possível ativar o pensamento crítico do indivíduo.

O Turismo é pouco compreendido como uma prática transformadora do ponto de vista educacional. A falta de conhecimento sobre o sistema turístico por parte dos educadores de ensino básico limita sua aplicabilidade como metodologia ativa, considerando seus aspectos socioculturais e ambientais que são pontos de extrema importância a serem trabalhados. O que nos leva a questionar se os educadores do ensino básico, têm a percepção de que o Turismo proposto como prática pedagógica exercita o aprendizado sobre o papel da educação patrimonial e ambiental. Por fim, saber se essas práticas são entendidas como Turismo Cidadão.

O principal motivo de propor este tema de estudo é que, o Turismo Pedagógico foi aplicado durante o ensino na escola em que cursei o Fundamental I e II, mesmo não tendo a concepção de que as formas de ensinagem introduzidas na escola fazem parte, também, do que denomina-se Sistema Turístico (SISTUR). Durante o período de escolha do curso de graduação, foi perceptível que o Turismo estava presente em grande parte do ensino fundamental e ter a oportunidade de estudá-lo foi algo único e que partiu de inquietações, principalmente por meio do Turismo Pedagógico.

Esse tema é importante tendo em vista que desde que ingressei no curso, desejo que outras pessoas tenham a oportunidade de experienciar um pouco do Turismo em suas vidas, seja dentro ou fora da escola. O Turismo tem grande potencial em incentivar, motivar e transformar a vida das pessoas. No decorrer da infância e adolescência, não era estimulada pela família a conhecer o lugar que vivo, principalmente por falta de disponibilidade e de um responsável para me acompanhar e, foi a escola que me concedeu a oportunidade de conhecer Brasília, conhecer o lugar que vivo e que sinto pertencente. O Turismo me permitiu olhar a paisagem, as relações como um todo e me fez perceber que ainda há muito para ver e aplicar o saber-fazer.

Deste modo, a problematização indaga se as práticas pedagógicas, tendo como objeto o Turismo nas escolas fundamentais do DF, em sua transposição didática pretendida, permitem a construção de uma educação cidadã? O objetivo

geral busca analisar as práticas do Turismo Pedagógico nas escolas do ensino fundamental do Distrito Federal, como possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania. Tendo como caminho metodológico uma pesquisa qualitativa, de nível descritivo e interpretativo por um estudo de caso.

No capítulo 1 será apresentado um quadro teórico que destaca os fundamentos do Turismo como ciência interdisciplinar e suas implicações, tendo em vista o Turismo Pedagógico e suas possíveis proposições na formação cidadã. No capítulo 2 explicitaremos o caminho metodológico da pesquisa e as principais categorias de análise e no capítulo 3 a análise do resultado da pesquisa a partir dos objetivos e questões de pesquisa apresentados no caminho metodológico e em seguida, as evidências finais.



## CAPÍTULO I

### O TURISMO COMO CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

#### 1.1 Os desafios da interdisciplinaridade nas práticas de ensinagem

A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma construção do conhecimento a partir do pensamento de diferentes áreas, ideologias e ensinamentos.

Segundo Fazenda (1994, p.18) “o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados da década de 1960”.

Japiassu (1976, p.33) afirma que uma das razões que justificam a aplicação da interdisciplinaridade é que “Prepara melhor os indivíduos para a formação profissional que, hoje em dia, cada vez mais exige a contribuição de várias disciplinas fundamentais, conseqüentemente certa formação polivalente”:

A ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O seu objetivo tornou-se a experimentação da vivência de uma realidade global, que se inserem nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo (GADOTTI, 2000, p. 226).

Japiassu (2006) apresenta a interdisciplinaridade como uma categoria de ação, que vai além do exercício do conhecimento, sendo um meio de aprofundar e desenvolver os estudos e relações entre as demais áreas do saber.

É uma ilusão, infelizmente muito estendida no pensamento ocidental, achar que o conhecimento se desenvolve dentro de posições nitidamente delimitadas e que todas as perguntas legítimas devem ter uma única resposta verdadeira, não sendo as restantes outra coisa que erros (LEIS, 2005 *apud* BERLIN, 1991).

No meio acadêmico há diversas discussões sobre as práticas de ensinagem. Deste modo, há questões, tais como: as divergências entre a multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Enquanto a multidisciplinaridade se apresenta como um “conjunto de disciplinas a serem trabalhadas simultaneamente, sem fazer aparecer às relações que possam existir entre elas” (FARIAS E SONAGLIO, 2013) a interdisciplinaridade quebra esse paradigma e desafia as disciplinas a ir além e em conjunto.

A origem da multidisciplinaridade encontra-se na ideia de que o conhecimento pode ser dividido em partes (disciplinas), resultado da visão cartesiana e depois cientificista na qual a disciplina é um tipo de saber específico e possui um objeto determinado e reconhecido, bem como conhecimentos e saberes relativos a este objeto e métodos próprios. Constitui-se, então, a partir de uma determinada subdivisão de um domínio específico do conhecimento (MENEZES, 2010 *apud* FARIAS E SONAGLIO, 2013, p. 3).

Diferente da multi e interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade é um termo recente na academia, entretanto, representa um sentido além do proposto pela multi e interdisciplinaridade. Para Nicolescu (1999) “A transdisciplinaridade como o prefixo “trans”, diz respeito a aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina”:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas naquilo que as atravessa e as ultrapassa (MORIN E NICOLESCU, 1994, Art 3º da Carta da Transdisciplinaridade).

Japiassu (2016) afirma que “as pesquisas transdisciplinares tendem a se apoiar nas diferentes atividades, não só das ciências, mas das artes, da poesia, da filosofia, da teologia e do pensamento simbólico”, trata-se de enxergar as relações sociais, culturais, compreender a realidade do mundo, a fim de unir e não fragmentar os saberes.

Em síntese, cada prática de ensinagem tem uma motivação, sendo a multidisciplinar tendo a finalidade de compreender as especificidades das áreas individualmente; a interdisciplinaridade sendo uma prática que relaciona e dialoga entre as áreas e a transdisciplinaridade tendo como objetivo ir além, observando o todo, o coletivo e aprofundando os estudos a partir do presente.

## **1.2 A compreensão do Turismo como ciência interdisciplinar**

Para que possamos entender o Turismo como ciência interdisciplinar se faz necessário discutir a concepção de turismo para esse estudo.

Segundo Moesch, Rejowski e Gastal (2005) em seu trabalho “Domínio e material e conceitual do Turismo”, a origem da palavra *tour* permeia um longo caminho que etimologicamente aparenta ter origem do latim *tornus* (torno) como substantivo e *tornare* (tornear, girar) como verbo. Entretanto, o termo em francês

*tour*, continua sendo utilizado até os dias atuais. “A ideia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz, claramente, de raiz comum, origina *tornus* e *tornare*” (MOESCH, REJOWSKI, GASTAL; 2005, p. 1).

A palavra Turismo teve seus primeiros registros em 1800 por meio do dicionário de Oxford que apresenta o termo como “Turismo: a teoria e prática de viajar, deslocar-se por lazer. Uso, depredação”. Para Fuster (1974, p. 22, *apud* Moesch, 2005, p. 1) o termo foi utilizado em algumas obras, como é o caso da obra de Henry Swinburne em *Picturesque Tour Spain* publicada em 1810, que ocasionou mais reconhecimento ao termo. Ao considerar o Turismo como “um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam”, desvinculando o termo do pensamento economicista, em que utiliza dele como atividade que gera somente lucro, Moesch (2000) enfatiza que o Turismo é bem mais que estas conceituações reducionistas sob olhar disciplinar que o caracterizam como setor/atividade dos estudos de econometria.

O Turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1992, p. 19).

O Turismo não é limitado a simples definições, principalmente por ser um fenômeno que está em constante evolução e que está relacionado a diversos campos do saber e, pode ser entendido como um conjunto de partes que interagem a fim de atingir um determinado fim (BENI, 2003).

Segundo Beni e Moesch (2017, p. 431):

Uma epistemologia do Turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em territórios globalizados o que se possibilita por um visão interdisciplinar e hologramática.

Devido a essa presença em tantos setores, existe uma variedade de conceitos que o permeiam, sendo necessário descrever o campo conceitual do Turismo em diferentes óticas. San Roman (1979) considera que "o fenômeno turístico independente do motivo que o provoca, pode ser tanto vocacional ou cultural, quanto comercial, de saúde, sentimental, por trânsito e outros"

Burkart e Medlik (1974, p. 29 *apud* Moesch 2005, p. 9) consideram:

(...) o Turismo é uma amálgama de fenômenos e relações, fenômenos estes que surgem por causa do movimento de pessoas e sua permanência em vários destinos. Há um elemento dinâmico – a viagem, é um elemento estático – a estada. A viagem e a estada acontecem fora do lugar de residência, as pessoas desenvolvem atividades diferentes de seu cotidiano.

Hall e Fagen (1956) considera o sistema um “conjunto dos elementos e das relações entre eles e entre os seus atributos” reafirmando a importância de haver uma visão sistêmica do todo, pois, os modelos sistêmicos possibilitam uma perspectiva ampliada dos processos e das formas que os setores interagem entre si, sendo importante para analisar as relações internas e externas. Neste sentido, o Turismo é um sistema aberto, auto-suficiente que, por sua interdisciplinaridade e transdisciplinaridade não pode ser estudado isoladamente, sendo também constantemente impactado pelo ambiente interno e externo.

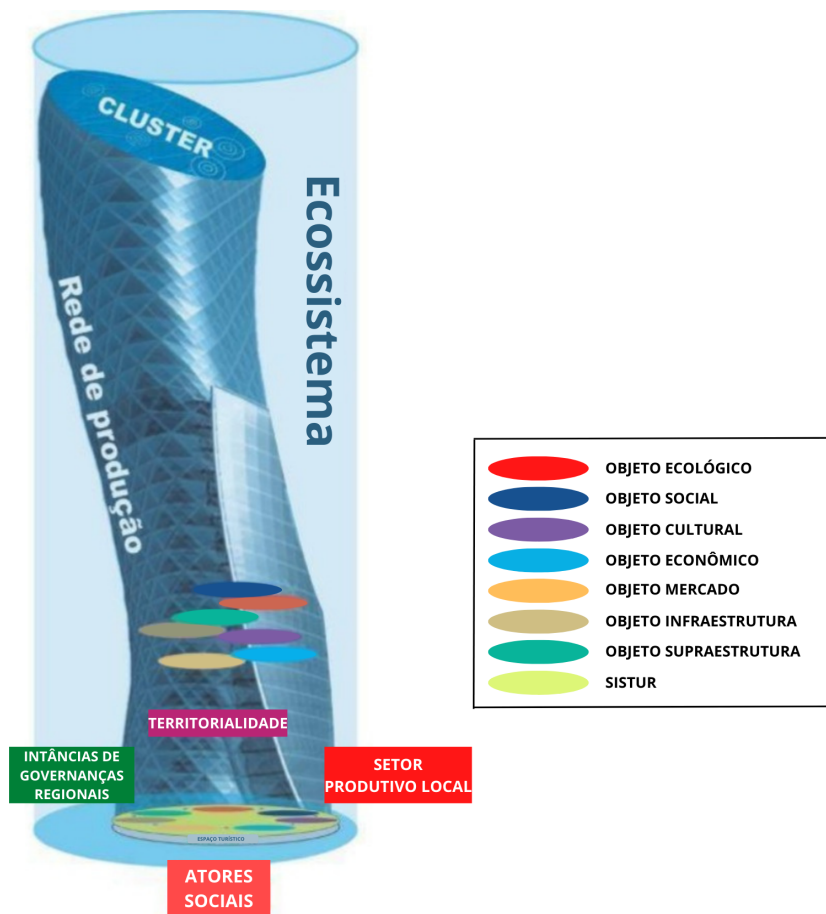
O Ecossistema Turístico (Figura 1) tem o objetivo de apresentar uma visão sistêmica do Turismo além da visão proposta pelo Sistema Turístico (SISTUR) sendo este um sistema auto-eco-produtor, auto-eco-organizador e eco-regulador, em constante movimento (BENI E MOESCH, 2017).

É uma estrutura de partes satisfatoriamente distribuídas, que se associam e complementam. Toda a estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, sendo sua condição prévia e necessária para ele existir. De um lado, há o contorno geral do todo; de outro, a possibilidade de redução da complexidade do todo em nível explicativo da estrutura, que repetiria dentro de si o retrato em miniatura do todo, dando, ao mesmo tempo, a razão por que o todo se mantém (BENI E MOESCH, 2017).

Para Moesch (2017) um ecossistema é uma estrutura estruturante, composta por redes de conexão sejam elas no campo da comunicação, do território, das relações sociais, da infraestrutura, das relações de troca monetária como também da memória do território ali estabelecida e tramada, conforme a Figura 1.

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (MORIN, 2000 p. 16).

Figura 1: Ecosistema Turístico



Fonte: Beni e Moesch (2015)

Os conceitos até agora registrados na literatura dita sobre uma teoria do Turismo, não avançam na derrubada das barreiras impostas pelas primeiras análises, datadas no início do século XX. O tráfego de pessoas e o movimento econômico, componentes de base determinista, reproduzem-se diante dos índices exponenciais de crescimento do fenômeno turístico mundial que, segundo dados, continuam crescendo apesar da crise que assola todas as economias mundiais e o período pandêmico da SARs Covid-19.

Para Jafar Jafari (1981), a interdisciplinaridade do estudo em Turismo é essencial para que, diferente da multidisciplinaridade, as disciplinas se integram, estudam e chegam a uma conclusão dos problemas, compartilhando e dividindo conhecimento em conjunto.

De acordo com Beni e Moesch (2015, p.5):

“Diferente da multi ou pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade possibilita geração de novas disciplinas o surgimento de novos conceitos e categorias de análise, o emprego de variáveis de ciências consolidadas como instrumentalização teórica para novas abordagens científicas, ocorrendo nesse caso, a transdisciplinaridade, ou seja, aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas.

O Turismo, como um sistema orgânico, abrange diversas áreas do conhecimento, estando presente em duas ou mais disciplinas, sendo tratado como uma ciência interdisciplinar, ou seja, que detém relações significativas umas com as outras, sendo possível dialogar e interagir com as demais áreas, tais como, Linguagens e Códigos, Ciências Humanas, Ciências Naturais, entre outras temáticas aplicadas na matriz curricular do ensino Fundamental.

O olhar interdisciplinar, que possibilita a troca e cooperação, possibilita a organicidade, estabelecendo pontos entre ciências e disciplinas não comunicantes que, através do fenômeno turístico, são ultrapassadas e conservadas, apontando a permanente incompletude do processo de investigação teórico, desafio posto para os sujeitos implicados numa concepção de sustentabilidade prática e teórica para o turismo do próximo milênio (MOESCH, 2002).

A figura 2 representa o modelo de produção do conhecimento em Turismo de Jafari (2005), apresentando as disciplinas que devem compor os estudos e sua relação direta com o Turismo. Por meio do modelo, é possível perceber que as disciplinas que estão no modelo referencial também são trabalhadas durante o ensino básico, ou seja, são disciplinas que têm conteúdos articulados diretamente ao Turismo, o que facilita a introdução do Turismo Pedagógico nos planos de ensino. Dessa forma, “A interdisciplinaridade se torna essencial no curso superior de turismo, pois o bacharel deve ter uma visão global e saber que suas atitudes como profissional de turismo afetarão diretamente a sociedade” (MARGONI, 2006).

Figura 2: Modelo de produção do conhecimento em Turismo de Jafari



da sala de aula. Para compreender o que o Turismo Pedagógico representa, é necessário analisar os termos e modalidades que o englobam. Milan (2007) aponta as bases teóricas e definições que representam o Turismo Educacional, Turismo Estudantil e Estudo do meio derivações do Turismo Pedagógico.

Quadro 1 - Síntese das definições acerca dos termos relacionados ao Turismo Pedagógico

<b>Termo</b>	<b>Base Teórica</b>	<b>Definição</b>
Turismo Educacional	Grand Tour (Séc. XVIII) OMT (2003) Beni (2003)	Viagens com um programa estruturado ou formal adotados por escolas e universidades particulares com acompanhamento de professores especializados. Entram nesse aspecto também os intercâmbios.
Turismo Estudantil	Fuster (1985) Montejano (2001)	Seriam os deslocamentos em busca de colégios e universidades no exterior para aperfeiçoamento e complementaridade da formação. Entram nesse âmbito os intercâmbios e também as viagens de formatura que representam um símbolo de conclusão da etapa de estudos.
Estudo do Meio	Freinet (Séc. XIX - XX) Piza (1960) Giaretta (2003)	As aulas-passeio ou aulas-descobertas que procuravam encontrar elementos para perceber a realidade experienciando e desenvolvendo habilidades de coleta, organização, análise, síntese de informações e formulação de conclusões.

Fonte Adaptado: Milan (2007) *apud* Valduga e Fernandes (2016).

Programas de intercâmbio, viagens de estudo, visita técnica, aulas passeio, visitas pedagógicas, o deslocamento em si são formas de estimular o aprendizado e a formação psico-sócio-cultural do educando. De Souza Bonfim (2010, p.126) afirma que, o Turismo Pedagógico "proporciona a prática do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, propiciando uma pedagogia participativa, na qual os alunos serão estimulados a se envolver ativamente".



Ansarah (2001, p. 294) afirma que:

O turismo pedagógico tem como objetivo fazer com que o aluno/turista tenha contato com a natureza (num conteúdo como, por exemplo, o estudo do espaço), de vivenciar e conhecer lugares novos (conteúdos de sociologia, antropologia) e, principalmente, inserir nos alunos a conscientização dos docentes acerca de problemas socioculturais e ambientais em que vivem muitas comunidades e promover valores construtivos.

As práticas de viagens pedagógicas já estavam presentes na Inglaterra por volta do século XVII, o filósofo John Locke acreditava que os aristocratas ingleses deviam conhecer outras realidades, a fim de aperfeiçoar seus saberes e sua disciplina, pensamento este que perdura até os dias atuais (GÓIS; SANTOS, 2009).

O Turismo Pedagógico representa a oportunidade de explorar a relação homem-espaço, nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano (geográfico, físico, biológico, ecológico, etc.) de forma interativa, divertida e multidisciplinar (RAYKIL; RAYKIL, 2005, p. 2)

Paulo Freire (1996) afirma: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Logo, o Turismo Pedagógico é uma oportunidade de levar o ensino de forma dinâmica, com elementos e espaços que influenciam positivamente a construção do ensino e aprendizagem do indivíduo.

Turismo Pedagógico pode ser um instrumento a mais no processo de ensino e aprendizagem, de forma a torná-lo mais amplo e dinâmico, e também por sua contribuição para o processo de sensibilização de uma população residente sobre a importância da preservação dos patrimônios locais, e conseqüentemente para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania, visto a representatividade do patrimônio no fortalecimento de sua cultura e de sua própria identidade (GOMES, MOTA E PERINOTTO, 2012).

Segundo Milan (2007) a contribuição do Turismo pedagógico aos alunos engloba aspectos:

a) **Psicológico**: pois a influência do turismo pode alterar significativamente as percepções, valores e motivações, assim como comportamentos;

b) **Sociológico**: por meio das observações e vivências que integram o indivíduo com o meio e promove a aproximação com a comunidade;

c) **Cultural**: devido o contato com a história, tradições e costumes que estão ao redor e que às vezes não são apresentadas ao sujeito;

d) **Ambiental**: sendo um dos meios de valorização e apreciação do meio ambiente, estimulando a conscientização e conseqüentemente o aumento da preservação.

O Turismo pedagógico tem uma presença muito significativa no Distrito Federal. Agências como: Extraclasse Turismo; Ouro Brasil Tour; Forma Turismo; tem desenvolvido seus serviços a partir do Turismo Pedagógico sendo de grande relevância para o crescimento do mesmo na Capital Federal. Abaixo serão descritas suas formas de atuação:

Há 20 anos, a **Extraclasse Turismo** tem atuação no Turismo Pedagógico e Recreativo em Brasília e desenvolve *Tours* a partir da leitura e observação dos espaços, monumentos e atrativos da Capital Federal. Junto às redes de Ensino, a empresa oferece roteiros com enfoque em Turismo Cívico, realizando expedições pela Capital e apresentando a história de Brasília, sendo essencial para o despertar do sentimento de pertencimento. O Turismo de natureza também está incluído, tendo como finalidade a educação ambiental, por meio de trilhas eco pedagógicas que estimulam a conscientização dos estudantes quanto ao meio ambiente. Além disso, a Extraclasse Turismo realiza colônias de férias que contam com diversão e aprendizados.

A quase 15 anos no mercado, **Ouro Tour Brasil Turismo e Expedições** tem o propósito de se tornar referência no Turismo Pedagógico. Atua de forma personalizada e busca estar em sintonia com ações e projetos político pedagógicos das instituições de ensino. Desenvolve roteiros que possibilitam o diálogo do estudante com o meio, além de promover passeios voltados para Turismo de Natureza, destacando a importância da educação ambiental e o Turismo cívico e religioso, apresentando a história de Brasília e o valor simbólico dos patrimônios materiais e imateriais que o cercam.

A **Forma Turismo** é uma das maiores operadoras de viagens estudantis da América Latina, tendo como ponto forte, as viagens de formaturas desde o ensino infantil ao médio. Desenvolve intercâmbios e viagens educacionais nacionais e internacionais e atua com monitores treinados para fazer todo o acompanhamento dos estudantes durante os passeios escolares e viagens. Os roteiros são

desenvolvidos a partir dos interesses da escola, ou seja, caso a escola queira desenvolver um turismo pedagógico a partir de uma disciplina específica, a Forma constrói um roteiro personalizado a partir da disciplina em que a escola pretende desenvolver melhor o ensino.

## **CAPÍTULO II**

### **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

#### **2.1 Caminho metodológico**

Esta pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, é uma pesquisa aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos dirigidos à resolução de um problema específico: As práticas pedagógicas, tendo como objeto o Turismo nas escolas fundamentais do DF, em sua transposição didática pretendida permitem a construção de uma educação cidadã?

Já quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa é definida como pesquisa qualitativa, pois considera que existe uma relação entre o sujeito e o universo real, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Tem o objetivo geral de:

Analisar as práticas do Turismo Pedagógico nas escolas do ensino fundamental do Distrito Federal, como possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania.

Sendo os objetivos específicos:

- Identificar quais disciplinas do Ensino Fundamental fazem uso do Turismo Pedagógico como parte da didática para sua ensinagem;
- Analisar as concepções sobre Turismo dos educadores responsáveis pelas práticas pedagógicas das viagens;
- Compreender qual o papel do educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico;
- As práticas do Turismo Pedagógico exercitam o aprendizado sobre o papel da hospitalidade nas relações humanas?
- Verificar se as práticas de Turismo Cidadão pelo Turismo Pedagógico estão presentes nas escolas da rede de ensino fundamental do Distrito Federal.

O segundo capítulo traça a trilha metodológica destas descobertas e classifica a pesquisa como descritiva e interpretativa, pois se utiliza da análise documental e entrevistas focais para levantamentos de dados.

As entrevistas seguem um roteiro semi-estruturado que contempla as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Os educadores que se utilizam das didáticas de estudo do meio, como as viagens, têm clareza sobre a transposição didática oferecida pelas práticas de Turismo na educação patrimonial e ambiental?
- 2) Quais as concepções de Turismo dos educadores que se utilizam desta prática pedagógica?
- 3) Qual o papel do educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico?
- 4) Os objetivos das saídas de campo, como as viagens turísticas, no ensino fundamental, contemplam uma ampliação da cidadania por parte dos alunos, por exercitarem o direito ao patrimônio cultural e ambiental do DF, ou, reduz-se à diversão?

O método de investigação será um Estudo de Caso. Segundo Triviños (1987, p.133), o Estudo de Caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” e propõe que o estudo seja interpretado por meio da realidade em que o objeto está inserido e assim propor uma intervenção a partir das evidências encontradas.

Por fim, a técnica de entrevista aplicada é a focalizada, pois aborda um tema bem específico. É uma técnica que concede mais liberdade ao entrevistado, já que o entrevistador o permite falar livremente sobre o assunto.

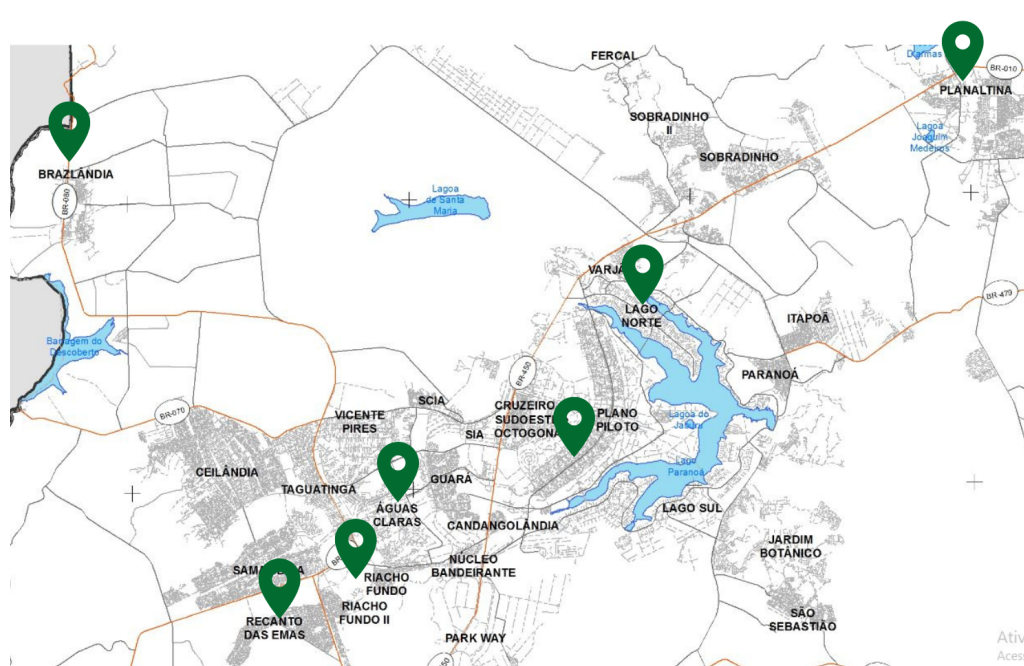
Os entrevistados foram em número de sete, caracterizando uma amostra representativa de professores que ensinam em escolas públicas do DF. Ambas foram realizadas durante o período de 12 a 23 de Janeiro de 2023 de forma híbrida, como um meio de viabilização do método, a partir da disponibilidade dos participantes voluntários. As entrevistas tiveram duração em média de trinta minutos a uma hora.

A fundamentação se deu por meio de bases de dados como Scielo, Secretaria de Educação do Distrito Federal, Base Nacional Comum Curricular, a Lei de Diretrizes Básicas, além de Periódicos da UnB e livros disponibilizados pela UnB.

O perfil dos entrevistados são professores que atuam/atuaram na rede de ensino fundamental no Distrito Federal, tendo como exceção um Guia de Turismo que recebe escolas que realizam Turismo Pedagógico no DF. A escolha dos entrevistados se deu por representatividade de professores que praticam o Turismo pedagógico em sua forma de ensino, sendo voluntários que aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a preservação da identidade dos entrevistados e das escolas, não serão mencionados os nomes, apenas códigos que facilitem a compreensão. Os professores entrevistados atuam nas disciplinas de: Português, Matemática, História e Atividades (multidisciplinar).

As escolas relatadas advém de diferentes Regiões Administrativas, sendo Recanto das Emas, Brazlândia, Águas Claras, Asa Sul, Lago Norte, Planaltina e Riacho Fundo I, sendo representadas no mapa do Distrito Federal na na Figura 3 . Os anos/séries enquadram-se desde os anos iniciais, 2º ao 5º ano até os finais, 6º e 9º ano.

Figura 3: Mapa do Distrito Federal pontuando as Regiões Administrativas que foram mencionadas nas entrevistas.



Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação [Adaptado pelo autor]

O enfoque desse estudo se dá com base no Ensino Fundamental por se tratar da fase inicial do processo de formação do educando que, baseia-se nos eixos transversais e utiliza de práticas pedagógicas com enfoque maior no aprendizado.

Sua organização, se dá a partir do Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal da SEEDF:

## SEÇÃO II

### Do Ensino Fundamental

Art. 41. O Ensino Fundamental, em regime anual, tem por objetivo a formação integral do estudante, mediante:

- I - a garantia das aprendizagens a partir da democratização de saberes em uma perspectiva de inclusão educacional e social;
- II - a promoção de experiências pessoais e coletivas com o objetivo de formação de estudantes colaborativos, pesquisadores, críticos e corresponsáveis por suas aprendizagens;
- III - o desenvolvimento da capacidade de simbolizar, perceber e compreender o mundo e suas diversidades, por meio de relações socioculturais, possibilitando a estruturação de seu modo de pensar e agir e, portanto, a construção de sua autonomia e identidade.

Art. 42. O Ensino Fundamental com duração de nove anos estrutura-se em cinco anos iniciais e quatro anos finais.

§ 1º Os anos iniciais organizam-se em um Ciclo para as Aprendizagens do 1º ao 5º ano com dois Blocos ou Seriação, conforme descrito a seguir:

I - 2º Ciclo para as Aprendizagens:

- a) 1º Bloco – Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental), com início aos 6 (seis) anos de idade, com duração de 3 (três) anos.
- b) 2º Bloco - 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com duração de 2 (dois) anos.

II - Ciclo e Seriação:

- a) 1º Bloco – Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental), com início aos 6 (seis) anos de idade, com duração de 3 (três) anos.
- b) 4º e 5º anos do Ensino Fundamental (Seriação), com duração de 2 (dois) anos.

Os resultados obtidos baseiam-se, principalmente, na realidade das escolas da rede pública de ensino. Entretanto, faz-se presente na amostra as escolas particulares, porém em uma escala menor.

## 2.2 Reconstruindo as categorias de análise para o estudo proposto

As categorias de análises propostas se dão a partir da importância de compreender os conceitos que abordam as estratégias de ensinagem aplicadas na rede de ensino, como também, identificar como o Turismo se faz presente.

### 2.2.1 Práticas pedagógicas

Segundo Japiassu e Marcondes (1993, p.159), a palavra “prática” vem do grego *praktikos*, de *prattein*, tendo sentido de agir, realizar, fazer e diz respeito a ação. As práticas pedagógicas são vinculadas às práticas sociais que buscam processos pedagógicos críticos-emancipatórios, a partir de um ensino construtivista em que a aprendizagem é construída a partir da inter-relação entre os sujeitos e o meio.

Franco (2016 p. 542) considera que:

As práticas pedagógicas são aquelas que se organizam para concretizar determinadas expectativas educacionais. São práticas carregadas de intencionalidade uma vez que o próprio sentido de práxis se configura por meio do estabelecimento de uma intencionalidade, que dirige e dá sentido à ação, solicitando uma intervenção planejada e científica sobre o objeto, com vistas à transformação da realidade social.

Veiga (1989) apresenta duas perspectivas de prática pedagógica: a repetitiva e acrítica que se configura como o conhecimento sendo repassado para o sujeito de forma mecânica, burocratizada e repetitiva, imutável. Em contrapartida, a perspectiva reflexiva e crítica rompe a barreira imposta na perspectiva anterior e busca desenvolver as habilidades, o cognitivo e a criatividade do sujeito, sendo uma ação realizada em conjunto pelo aluno e pelo professor, por isso a importância de “dialogar com a realidade inserindo-se nela como sujeito criativo” (DEMO, 1993, p.21):

[...] o conhecimento não se dá pela transmissão de um conceito abstrato de uma pessoa para outra, nem a partir de instituições de indivíduos isolados; o conhecimento ocorre no bojo do processo histórico e coletivo da práxis. No processo de transformação da natureza e da própria sociedade, os homens elaboram teorias a partir e em função da prática, nesta se verifica também o sentido e o valor da teoria (FLEURI, 1992, p. 29).



### 2.2.2 Estudo do meio

O estudo do meio se refere a relação entre o Meio que aborda as experiências e realidades físicas, humanas e biológicas, enquanto o Estudo se refere a apresentação dessas experiências e realidades, a fim de explicar, sintetizar e analisá-las (Nidelcoff, 1979, *apud* Lestinge, Sorrentino, 2008).

Millan (2007, p.13) afirma que o estudo do meio é “uma atividade que permite aos alunos estabelecerem relações ativas e interpretativas, relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas localizadas em contextos vivos e dinâmicos da realidade”.

Mateus (2008, p.23) considera que:

A diversidade temática do Estudo do Meio promove aprendizagens diversificadas que, ao apontarem para a utilização de recursos diferenciados permitem uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados, em que as experiências e os saberes anteriormente adquiridos se recriam e integram no conhecimento as novas descobertas, desenvolvendo aprendizagens integradas.

Segundo Pontuschka “No estudo do meio, o aluno expressa o desejo de compreender o espaço do qual faz parte ou os espaços mais distantes, que aguçam o seu desejo de conhecer”. E que é a partir dessas experiências que o aluno constrói seus ideais e faz uma reflexão sobre uma realidade além da própria.

Castellar (2006, p.105) considera que:

[...] ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o aluno perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, bem como o significado do processo de construção de sua identidade individual e coletiva.

Com isso, o estudo do meio possibilita um aprendizado mais rico, a partir do cotidiano do educando e dos lugares que o cercam.

### 2.2.3 Transposição didática

O termo Transposição Didática foi introduzido pelo sociólogo Michel Verret em 1975, entretanto Yves Chevallard em seu livro *La Transposition Didactique* lançado em 1985, aprofundou-se ao termo, sendo atualmente, uma das principais referências no que diz respeito a Transposição Didática.

Chevallard (2013) considera que a transposição didática é a transição do conhecimento como uma ferramenta a ser posta em prática para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido.

Um fator importante da transposição didática é o de verificar como a ciência está vinculada ao ensino. Então ela não olha só para o ensino ou só para a ciência, mas exatamente para o relacionamento de ambos (CHEVALLARD, 1989, *apud* MENEGHETTI, 1995, p.7).

Segundo Boligian (2003, p. 236), “A transposição surge como um dispositivo que permite analisar como o saber “passa”, ou é transposto, de uma esfera de conhecimento para outra esfera”. Logo, durante o processo é possível identificar as transformações e relações que ocorrem e que podem ou não interferir na transposição do conhecimento.

É importante refletir que no processo de transposição didática considerando a distância entre o saber científico, saber a ensinar e o saber ensinado – o professor nem sempre (quase nunca na verdade) terá acesso ao saber original, mas à sua adaptação/deformação, através dos manuais de ensino e livros didáticos, e ainda será responsável por mais uma etapa nessa adaptação, que acontecerá no seio da relação didática e que Chevallard chamou de trabalho interno de transposição didática (Menezes, 2004, p. 24).

Monteiro (2022) afirma que a mesma, é o *locus* organizado didaticamente para a construção do conhecimento, sendo encontrado em um espaço que busca ensinar o que foi aprendido, transpondo o pensamento do inconsciente para o coletivo.

## **2.2.4 Turismo Cidadão**

O Turismo cidadão busca a aproximação do morador com sua própria cidade, estreitando as relações com o território, desenvolvendo um sentimento de pertencimento e identidade com o lugar, contribuindo com o fortalecimento sociocultural, econômico e ambiental da cidade que vive. Para Gastal e Moesch (2007):

O turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre no espaço cotidiano outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65).

Segundo Leite e Moesch (1985, p.8) “Para atrair o turista é preciso primeiro atrair a própria população. Colocar as pessoas que fazem parte dos fluxos da cidade em movimento, deslocando-se da sua rotina, transformando-as em visitantes de sua própria cidade”.

Para Melo (2014, p.10) “A prática do turismo cidadão aprofunda laços com a cultura local, estabelece o sentimento de identidade e pertencimento, por conseguinte, conscientiza da importância e do respeito que se deve ter com a cultura que se encontra em constante construção social”. Logo, a importância da própria comunidade reconhecer o Turismo não só para o turista convencional, mas também para o turista residente, o turista cidadão.

### **2.2.5 Educação Ambiental**

O meio ambiente é um tema necessário não só dentro das escolas mas também no cotidiano da sociedade, tendo em vista que, é um conjunto de elementos essenciais da vida e para a vida. Com isso, a educação ambiental se torna ainda mais relevante por ser uma forma não só de preservar o meio ambiente, mas também “tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade humana, de nossa identidade de ser vivo entre os demais seres vivos” (Sauvé, 2005, p.317).

Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevalentes, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas. (JACOBI, 2003, p.191)

De Sousa (2011, p. 2) apresenta a educação ambiental como “um processo pelo qual o educando começa a obter conhecimentos acerca das questões ambientais, onde ele passa a ter uma nova visão sobre o meio ambiente” sendo assim, o sujeito intervém positivamente na preservação do ambiente que é constantemente ferido por ações que degradam o meio ambiente.

## 2.2.6 Educação Patrimonial

De origem latina, a palavra patrimônio deriva-se de *pater*, que tem o sentido de pai e, para Machado (2004 *apud* Teixeira, 2008 p.4) o conceito de patrimônio remete ao “[...] conjunto de bens pertencentes ao *pater*, no sentido de herança, legado, ou seja, aquilo que o pai deixa para os filhos”.

Para Choay (2011, p.1), conceitua-se:

Patrimônio\*. Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante.

A palavra patrimônio passa por um constante processo de resignificação, ou seja, o que era visto tão somente como herança, legado ou bens materiais, é visto de formas que vão além. Como dito por Choay (2011), a palavra carrega um conceito nômade, ou seja, promove um estudo abrangente, de modo transversal.

O patrimônio é um grande acervo, é o registro dos acontecimentos da história de um lugar, de uma sociedade, e muitas vezes se perde por falta de incentivo ou pela perda da identidade da comunidade, que sofre as mudanças e interferências do mundo globalizado (De Medeiros e Surya, 2009, p.1).

A Educação Patrimonial consiste em realizar ações de conscientização do indivíduo acerca da importância da preservação patrimonial material e imaterial. Saballa (2007 p. 1) afirma que a Educação Patrimonial “trabalha no sentido de que os sujeitos tomem contato com os patrimônios de suas localidades, a fim de assentar em bases sólidas a identidade cultural, com apropriação e valorização de heranças”. Sendo este, um meio de despertar o sentimento de pertencimento que é essencial para a construção de sua identidade.

Segundo Soares (2003 p.46 *apud* Teixeira, 2007, p. 205) “A metodologia da Educação Patrimonial surgiu, inicialmente, para que se desenvolvessem programas didáticos nos museus”, sendo uma prática pedagógica que instiga resgatar a herança cultural do sujeito e, assim, compreender a história e as relações políticas e socioculturais que a envolve.

O turismo tende a considerar o patrimônio cultural como aquele que se volta para certos tipos de atividades mais propriamente ‘culturais’, tais como as visitas a museus, a cidades históricas ou a roteiros temáticos, como a rota

dos queijos e a dos vinhos, por exemplo.” (FUNARI; PINSKY, 2003, p.09 APUD VASCONCELLOS, 2019 P. 18-19).

Cabe ressaltar a relevância do Patrimônio Cultural quando se trata da Educação Patrimonial, pois se trata de conjuntos culturais e históricos, que refere-se a bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis, tais como: monumentos, bens arquitetônicos, tradições e expressões artísticas conforme a Constituição Federal Brasileira (1988), descrita abaixo:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se inclui:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Deste modo, deve salientar que constitucionalmente o patrimônio é um bem que deve ser protegido e garantido, a fim de guardar nele os significados, memórias, tradições e identidade cultural do povo brasileiro.

### **2.2.7 Hospitalidade**

A hospitalidade, tem um papel significativo nas relações humanas por abordar um termo que trata-se de uma virtude, uma dádiva que é demonstrada a partir de atos de serviço, em especial, o ato de acolher. Com isso, “esta abordagem coloca a hospitalidade dentro de uma árvore léxica recheada de termos como solidariedade, altruísmo, caridade, amor” (DE LIMA CAMARGO, 2015, P. 50).

[...] Os atos de hospedar e de ser hospitaleiro são muito mais complexos que simplesmente o de receber o visitante: consiste na união, ou melhor, na aproximação de culturas, costumes e pessoas diferentes. Trata-se de uma relação de troca de valores entre o visitado e o visitante (CAMPOS, 2008, p.3).

Cabe destacar que as formas de acolhimento divergem a partir da cultura do outro, logo, deve-se enxergar além das limitações e diferenças do sujeito e exercitar

a alteridade. De Lima Camargo (2015, p. 50) ressalta a importância de compreender que “todas as culturas guardam princípios, leis não escritas da hospitalidade, herdadas de formas ancestrais de direito, não escritas, que regem o relacionamento humano em casa ou fora de casa”.

Além de uma prática do acolher e ser acolhido no âmbito comercial, a hospitalidade também se faz presente no âmbito educacional e, tem um papel fundamental para a construção dos valores do sujeito e para que saiba identificar o papel da hospitalidade nas relações humanas.

Tornar a escola hospitaleira, onde haja contato humano real, diálogo e sensibilidade onde, a criança crie identidade com este espaço e ele se torne um campo fértil na produção do conhecimento e na promoção dos valores requeridos pela exigência da vida em sociedade (PEREIRA, 2016, p.18).

Segundo Batista, (2005, p.101 *apud* PEREIRA, 2016, p. 18). “[...] as escolas têm que ser lugares de hospitalidade, de reconhecimento, de proximidade e de encontro”, uma escola que reforça tais valores, auxilia na construção de uma sociedade atenta ao outro.

Baptista (2016, p. 211) considera:

Enquanto adultos de referência, os educadores funcionam como promotores privilegiados de hospitalidade. Para tal, é necessário que eles próprios possam afirmar-se como sujeitos capazes de “dar lugar”, tanto no sentido de saber acolher, pedagógica e eticamente, como no sentido de construir o lugar.

Para responder se as práticas pedagógicas, tendo como objeto, o Turismo nas escolas fundamentais do DF, em sua transposição didática pretendida permitem a construção de uma educação cidadã, teceremos no terceiro capítulo a análise das entrevistas dos professores do ensino básico do DF.

## **CAPÍTULO III**

### **DIMENSÃO CIDADÃ DO TURISMO PEDAGÓGICO**

Mediante a realização deste estudo, ficou evidente a importância das práticas de Turismo Pedagógico por ser uma possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania. A idéia da ensinagem se dá a partir do entendimento de que o ensino e o aprender devem estar em união, não sendo apenas uma exposição do conteúdo e tendo em vista que o aprender não é decorar um conteúdo, é ter uma compreensão do ensino que provoque a reflexão e o diálogo a partir de uma parceria crítica e clara entre o educando e o educador, sendo assim, a ensinagem não se dá de um dia para o outro, é um processo que estimula o pensar do sujeito a fim de desenvolver e aprender o conteúdo. (Anastasiou, 2002, p. 66-67)

O tema proposto é compreendido como essencial para a construção de um indivíduo crítico e, ao utilizar às práticas de Turismo Pedagógico, a escola possibilita que o educando tenha formas mais eficazes de absorver o conteúdo e completar sua formação, reafirmando os benefícios enquanto caráter educacional e para isso, é necessário que os educadores compreendam o Turismo como uma metodologia ativa para alcançar os objetivos de ensino proposto.

#### **3.1. Concepção de Turismo e Turismo Pedagógico dos Professores**

As concepções sobre Turismo dos educadores são bastante difusas. Moesch (2002) ressalta que o Turismo é “uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão e ideologia são partes de um fenômeno pós-moderno, em que o protagonista é o sujeito”. Entretanto, os educadores compreendem o Turismo como algo além das viagens, sendo o Turismo Pedagógico entendido como uma saída/visita pedagógica e, não necessariamente parte do fenômeno turístico.

Segundo o entrevistado 3:

Eu aprendi na época não com uma palavra de turismo. Eu não sei se teria a mesma coisa, você até me corrige. Era como se fosse visitas pedagógicas. Mas o que seriam essas visitas pedagógicas? Seria você ir para determinados lugares para conhecer, e que por exemplo, no ensino fundamental, tem algumas visitas que são essenciais. Alunos que não conhecem o cinema e desconhecem, por exemplo, aqui em Brasília, a sua

parte histórica. Então, essas visitas seriam para poder mostrar o que é cidade, o que é região para essas crianças.

Uma realidade refletida por meio das entrevistas é que, para os educadores entrevistados, os passeios devem ter objetivos, ou seja, o Turismo Pedagógico não pode ser só “Turismo”, como diversão, ou só o passeio, ele deve ter uma proposta que contemple os conteúdos da disciplina ou dos projetos e propostas de ensino da escola. De Souza, Mota e Perinotto (2011, p. 60) ressalta que o Turismo Pedagógico “é o espaço da aprendizagem feita com prazer, mas não é aquele prazer típico da alienação, é o prazer que é fruto da ampliação do conhecimento, do esclarecimento, da convivência e do lúdico”, ou seja, é diversão mas também é aprendizado e por isso, o objetivo proposto deve estar bem alinhado para que a transposição didática pretendida possa ser compreendida pelo educando.

Não dá para falar “vamos sair com as crianças, põe no ônibus e sai” sem um objetivo traçado, deve estar condizente com o que está sendo trabalhado, uma saída de campo que vai, realmente, contribuir. Claro que você pode separar “Vamos fazer uma saída cultural, vamos para o teatro, cinema”, enfim, uma outra pegada, mas pedagogicamente falando, eu acho que as saídas tem que ser bem direcionadas para o que está sendo trabalhado [Entrevistada 4].

Logo, as escolas e os educadores devem estar em sintonia quanto ao objetivo pretendido, para que o passeio, a visita, não tenha caráter tão somente de diversão, mas também crítico e reflexivo, sendo pensado com articulações e estudos acerca do meio, antes, durante e após a realização dos passeios pretendidos.

Os docentes, ao propiciarem aos alunos esta prática, devem ter a clareza de que esta proposta estará no planejamento de forma organizada, procurando focar a interdisciplinaridade. Ao planejar uma atividade tendo como objetivo explorar o espaço, os profissionais da área de educação, precisam ter em mente que a maioria das atividades deverá favorecer o trabalho construtivo, de tal modo que o coletivo beneficia a aprendizagem. (SCREMIN; JUNQUEIRA, 2012, p.37).

A Entrevistada 1, quando questionada acerca de sua concepção sobre o que seria Turismo e Turismo Pedagógico, em um primeiro momento demonstrou pouco conhecimento sobre a área e relatou o Turismo no ponto de vista da viagem, pacotes e guias de turismo, tendo uma concepção do Turismo como atividade e como considera o Ministério do Turismo (MTUR): “o órgão do governo federal que trata do desenvolvimento do turismo como atividade econômica sustentável, com papel na geração de empregos e investimentos, proporcionando a inclusão social”.



Todavia, a entrevistada pediu para explicar um pouco sobre a noção de Turismo do ponto de vista acadêmico e, após a explicação, desvinculou parcialmente o Turismo como atividade e conseguiu vê-lo como um fenômeno social, o que reafirma a visão de Carvalho e Moesch (2013, p. 446) que “ao entender o turismo como um fenômeno social, sua epistemologia recai sobre a compreensão das ciências sociais, o que reporta sua análise sob uma concepção teórica interdisciplinar e de cunho social.”

[...] São questões de valor, não tem preço, não tem como passar para outra pessoa explicando mas fala vivenciando. É oportunizar, vivenciar essa prática e é algo rico, realmente é algo que transforma [...] esse vivenciar é capaz de trazer um significado pra pessoa [Entrevistada 1].

Quanto ao Turismo Pedagógico, a entrevistada 1 compreendeu e percebeu a necessidade de ter um objetivo por trás do Turismo Pedagógico, pois, é a partir desta prática que há possibilidade de interagir entre os estudos teóricos e o meio em que está inserido, havendo relações significativas entre as partes. “O ambiente, como um todo, é um grande aliado no processo de aprendizagem, pois é o cenário onde tudo acontece, ou seja, onde o homem estabelece suas relações, interações e transformações” (Carvalho; Vieira; Viana, 2012, p. 10).

[...] conhecer a prática da localização, os costumes e o lugar em si e ter o conhecimento da realidade daquele lugar... Realmente, quando começamos a conversar sobre essa questão do Turismo, o que me veio à mente foi só essa questão do Plano Piloto, até teve um passeio ano passado, os meninos foram lá pela primeira vez e, agora a gente conversando aqui sobre Brazlândia e realmente né, o quanto quando ele (o turismo pedagógico) é colocado de forma pedagógica, seja escolar ou não escolar é importante, do quanto traz uma certa conscientização em relação à realidade rural, por exemplo, a diferença entre a experiência que a gente tem na cidade e que a gente tem aqui (meio rural) a oportunidade colher do pé, isso é pedagógico [Entrevistada 1].

O ensino nas escolas fundamentais ainda são bastante tradicionais e fechadas para novas formas de ensino-aprendizagem, logo, métodos de ensinagem modernos precisam ser introduzidas de modo que, a escola, a direção e professores, compreendam o intuito e veja como pode ser uma oportunidade de ampliar a gama de saberes, não sendo uma substituição das aulas teóricas, mas sim um meio de potencializar o ensino proposto.

[...] Quando voltou (pós pandemia) todo mundo meio abalado ainda, ansioso, angustiado, já queriam trancar os meninos na sala de aula e escrever no quadro e mandar os meninos copiar, e eu falei: “gente não é possível, acho

que a gente precisa fazer um trabalho diferenciado”, aí eu acho que essa ideia do Turismo Pedagógico dialoga com isso, de uma coisa que rompe com essas formas mais tradicionais de ensino que é muito encastelada, muito fechada na escola. A gente percebe que o processo de ensino e aprendizagem começa muito antes da escola e ele vai muito além dos muros da escola [Entrevistado 4].

“O processo pedagógico precisa se comunicar com essa nova realidade, adotando metodologias mais participativas que transformem os alunos em seres mais pensantes e mais ativos” (Duarte, 2018, p.9). Logo, é essencial que as aulas priorizem a qualidade de ensino do educando, utilizando metodologias que construam esse conhecimento tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

[...] então nesse sentido, eu acho que o Turismo pedagógico ele é uma prática que oportuniza um repensar da educação mais geral, assim, o grande problema da escola hoje em dia é: como ela tá defasada em relação às mudanças que o mundo passou [...] querendo ou não ainda tem muita coisa parecida ainda nesse modelo iluminista do séc. 19 criado para enfiar as pessoas num lugar e aprender a história da civilização ocidental, ainda tem um eixo muito parecido nisso, e a gente precisa de práticas que rompam com isso, então eu entendo que o turismo pedagógico é uma oportunidade pra gente ampliar os horizontes da escola e dos estudantes [Entrevistado 4].

As concepções apresentadas acerca do Turismo Pedagógico permitem afirmar que, mesmo que alguns saberes sejam mais rasos, ainda assim, a prática está presente na realidade dos educandos. Entretanto, precisa ser inserido de forma mais clara e consistente, principalmente do ponto de vista teórico.

Os educadores compreendem a prática em si do Turismo Pedagógico, porém, no que diz respeito à fundamentação teórica acerca do Turismo como um fenômeno social, como uma ciência interdisciplinar, há um grande desconhecimento.

[...] Dentro da disciplina, essa ideia do Turismo serve para a gente quebrar nossa lógica porque a educação é muito engessada em muita coisa e essa coisa de você estar em movimento, isso literalmente tá te tirando de zonas de conforto. Eu acho que o Turismo ele pode servir justamente como uma transversalidade, assim, para quebrar essas caixinhas que as pessoas ficam insistindo em se colocar dentro da escola, mesmo quando você tem movimento na escola para quebrar essas caixinhas, as pessoas lutam contra isso e tentam voltar o máximo que elas podem para as caixinhas [Entrevistado 4].

Ribas (2002, p. 10-11) em seu estudo acerca das escolas que têm o Turismo abordado tanto como tema transversal como disciplina, percebe que há uma “inexistência de uma orientação específica para turismo, que seja esclarecedora quanto aos conceitos e que indique obras a serem utilizadas para o embasamento

teórico”. A autora também relata a importância da preparação do docente para que a apresentação do fenômeno turístico expresse tanto os impactos positivos quanto os negativos que, podem ser ocasionados com a falta de planejamento e gestão, como também no que se refere aos impactos causados pelo turista. Afirma Ribas, (2002, p. 10) “não apenas criar uma visão romântica de seus benefícios - principalmente os financeiros - mas, também, os prejuízos ao meio, visto que tais prejuízos podem extinguir a própria atividade turística”. Para que os educadores não tenham só a concepção genérica dos benefícios da prática de Turismo Pedagógico, é necessário que ocorra diálogos entre a Universidade, estudiosos/pesquisadores do Turismo e as escolas e que, assim, compreendam o que é o fenômeno turístico e como ele pode ser um meio de auxiliar na construção de um conhecimento sólido a partir do estudo do meio e sendo reconhecido como tal.

[...] o turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, se deslocam de seu lugar de residência habitual a outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa ou remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (Padilha, 1994, p.19 *apud* Ricco, 2011, p.45).

A concepção sobre Turismo como campo do saber é bastante reduzida por parte dos educadores entrevistados, sendo que, há uma noção do Turismo baseada na visão deles como Turista a partir de suas vivências, logo, não sendo entendido como um campo do saber e havendo um distanciamento dos conceitos teóricos apresentados. Por outro lado, mesmo que superficialmente, a noção de Turismo Pedagógico se aproxima dos conceitos apresentados, todavia, nas entrevistas, percebe-se que este não é compreendido como uma prática do campo do Turismo, sendo evidenciado a partir das nomenclaturas utilizadas (passeios, visitas e saídas pedagógicas) que são desvinculadas do campo do Turismo. Outro ponto é que também houve um questionamento em todas as entrevistas se o Turismo pedagógico e os passeios seriam a mesma coisa.

### **3.2 Limites e possibilidades da transposição didática do Turismo Pedagógico para o ensino fundamental**

Há constantes mudanças e atualizações no sistema de educação, por se tratar da base de ensino, do conhecimento dos alunos. Logo, é necessário conhecer as medidas que estão sendo aplicadas para a construção do conhecimento dos

alunos e ressaltar os objetivos e propostas dos órgãos governamentais responsáveis pela educação no Distrito Federal. Dito isso, a Secretaria da Educação do Distrito Federal - SEEDF, apresentou o documento que se refere a proposta da organização curricular dos anos iniciais e anos finais em vigor em 2023, o mesmo, aborda os objetivos de aprendizagem no Ensino Fundamental que foram pautadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCN (2013) que visam:

- I. possibilitar as aprendizagens, a partir da democratização de saberes, em uma perspectiva de inclusão considerando os Eixos Transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade;
- II. promover as aprendizagens mediadas pelo pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo e a formação e atitudes e valores, permitindo vivências de diversos letramentos;
- III. oportunizar a compreensão do ambiente natural e social, dos processos histórico-geográficos, da diversidade étnico-cultural do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura, dos direitos humanos e dos princípios em que se fundamenta a sociedade brasileira, latinoamericana e mundial;
- IV. fortalecer vínculos da escola com a família, no sentido de proporcionar diálogos éticos e a corresponsabilização de papéis distintos, com vistas à garantia do acesso, permanência e formação integral dos estudantes;
- V. Compreender o estudante como sujeito central do processo de ensino, capaz de atitudes éticas, críticas e reflexivas, comprometido com suas aprendizagens, na perspectiva do protagonismo estudantil (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DF, 2018, p. 09).

Tendo em vista os objetivos mencionados, cabe ressaltar a importância dos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) presentes nos objetivos de aprendizagem da SEEDF que foram construídos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que "é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica".

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. [...] A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada (Ministério da Educação, 2013, p.29)

Os eixos transversais apresentados são aliados do Turismo Pedagógico por se tratar de temas que podem ser trabalhados do ponto de vista teórico-prático. Durante as entrevistas com professores que atuam nas séries iniciais (2° ao 5° ano) foram abordadas questões que visam colocar os eixos transversais em prática por meio de projetos que podem ser estimulados a partir do Turismo Pedagógico e assim, entender como é dado o processo de aprendizado antes, durante e após os passeios pedagógicos.

'Como é que você resgata com os pequeninhos?' Fazendo desenho, mandando tarefa para casa, conversa com seu pai, o que você viu e peça pro papai escrever aqui o que você contou pra ele. Tinham uns relatos maravilhosos dos meninos que descreveram direitinho tudo o que aprendeu lá [Entrevistada 6].

Trabalhar com crianças e adolescentes pode, aparentemente, ter uma ideia de que os passeios têm um caráter maior de diversão do que aprendizado. No entanto, por meio das entrevistas foi possível notar que esse resgate do que é ensinado na escola e apresentado por meio dos passeios, são formas de fixar o aprendizado a partir da experiência e, o educando, consegue identificar facilmente essa relação “Na diversão eles estão aprendendo” [Entrevistada 6].

Acerca do sentimento de pertencimento, o ser cidadão não se dá somente por meio de registros de nascimento ou por imposição do outro, é um processo que se dá por meio da vivência em que, a escola, a família e a comunidade em que está inserido, contribui para a construção do ser cidadão. Mediante a introdução do Turismo Pedagógico, as escolas viabilizam este processo ao levar o educando a conhecer o próprio lugar, a entender a importância do patrimônio, dos meios ambientes, dos espaços e a própria atuação, compreender o porquê de, mesmo tão pequenos, serem ensinados a se preocupar e cuidar deste lugar.

[...] com pré adolescente a adolescente você sempre tem uma galera mais relaxada, mais relapsa, tipo assim tem tudo dado, tudo feito pra ele, assim, então não se preocupa tanto com essas coisas, mas a gente vigia, né? Fala assim: “não meu irmão, não joga o lixo aí na rua”, ou então assim, às vezes chega numa placa aí já pega uma caneta e quer riscar aí já digo “não *brother*, não pode, isso daí é patrimônio, você tem que preservar, conservar”, tanto quanto explicar pra ele que aquele azulejinho ali do espírito santo é uma obra de arte, ‘oh isso aqui não é só um azulejo, isso aqui é uma obra de arte’, e cê vai ver que todos esses prédios aí tem azulejos pensados. Aquela planta tá ali naquele lugar porque um paisagista pensou, cê tá subindo nessa árvore aí porque ele pensou que ia ter árvore pra criança subir aqui, que ia ter muita árvore frutífera e tal. Então tudo isso, junta uma grande obra de arte cheia de detalhes [Entrevistado 4].

Assim como demonstrado no Capítulo I, por meio do modelo de produção do conhecimento em Turismo de Jafari (Figura 2), há certa facilidade em trabalhar o Turismo nas demais disciplinas. Nas entrevistas, foi possível dialogar com docentes de Português, Matemática, História e professores que atuam em atividades que são aulas multidisciplinares devido à atuação em anos iniciais do ensino fundamental. Ainda que, aparentemente, tenha certa dificuldade em enxergar o uso do Turismo Pedagógico em algumas disciplinas, nas didáticas de sua ensinagem os professores demonstraram que é possível fazer o uso deste.

Se eu peço para o aluno fazer uma produção textual, que até já trabalhei esse tipo de texto no Recanto, eles descreviam e eles estavam trabalhando na descrição e escolhiam um lugar, daí muitos descreveram aquele parque Monjolo, ou então às vezes aqueles que não podiam sair muito de casa, eles descreviam ali na rua deles o que tinha... O que mais que a gente tinha de pontos turísticos no Recanto? Ah, as Emas, né? Eu lembro que a gente fez assim: coloquei um espaço para fazer o desenho e depois tinha que descrever, contar para gente a descrição do lugar, uma experiência que ele teve. A gente depois fez até camiseta, pegamos alguns melhores, pegamos a imagem e colocamos numa camiseta [Entrevista 1].

Ao observar o lugar e descrevê-lo, exercita o olhar sob a paisagem, a história e o significado que lhe é atribuído. Callai (2004, p. 5) afirma que “Reconhecer a cultura local significa perceber, a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas. A autora também explica que, a leitura da paisagem é um meio de ler a realidade a partir do que está materializado, do que é visível e que desenvolve essa relação entre o sujeito e o espaço.

A possibilidade de rerepresentar o lugar a partir de uma atividade de descrição do espaço, promove uma relação mais forte entre o sujeito que observa e o lugar observado. “Não há paisagem sem um ‘olhar’, ou seja, sem um observador” (MARUJO; SANTOS, 2012, p. 38). O Entrevistado 3 relatou uma atividade feita com os alunos para explicar sobre a Trigonometria, explicando sobre a sombra e escala a partir da paisagem, de monumentos e construções escolhidos pelos alunos. Outro exemplo relatado foram os passeios para parques de diversão e aquáticos que, antes, durante e após os passeios, as experiências eram utilizadas como forma de explicar o conteúdo.

[...] eu me lembro que a gente colocava uma luz e a partir da sombra a gente calculava a sombra para poder calcular altura, para poder calcular outras coisas... Então tudo isso era sobre trigonometria, era uma coisa que tipo

assim, é meio difícil para criança ou adolescente naquela época visualizar e às vezes quando a gente consegue visualizar em algo que é possível que é palpável fica muito mais fácil o aprendizado [Entrevistado 3].

Para alguns professores de determinadas disciplinas, é possível perceber certa dificuldade para identificar a atuação do Turismo, entretanto, o uso de elementos turísticos como construções, paisagens e monumentos, auxiliam em uma visualização mais clara do conteúdo e também na própria didática do educador, pois a partir do uso de exemplos práticos, da realidade dos educandos, é possível fixar a atenção do educando e estimular a identificação dos conteúdos em sua rotina, no meio em que está inserido e também, na própria escola, não sendo algo distante, mas próximo da realidade.

Então eu enxergo assim, que essa ideia seja para disciplina que for, em história como a gente tá vendo aqui é até meio dado, meio fácil, mais palpável mas, eu acho que, para todo mundo, para português que você tá sempre lendo a cidade, você tá sempre lendo os espaços o território, então assim, matemática, quanta lógica, quanta equação, quantos sistemas você pode enxergar fora, não simplesmente pondo a fórmula no quadro, mas vendo a prática da coisa, uma ponte, um edifício, como ele pode te dar uma explicação as vezes que vai fazer o aluno ficar 'Aaaah então, isso faz sentido, isso não é só um monte de número e letra escrito num quadro' [Entrevistado 4].

Tendo em vista compreender de que forma os destinos das saídas de campo dos educandos se relaciona com o conteúdo aprendido em sala e os objetivos propostos quanto aos eixos transversais de ensino, o Quadro 2 relaciona o lugar visitado e a transposição didática pretendida com as visitas.

Quadro 2 - Relação dos lugares visitados e a transposição didática pretendida

Lugares visitados	Transposição Didática
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esplanada dos Ministérios</li> <li>- Praça dos três poderes</li> <li>- Plenário</li> <li>- Memorial JK</li> <li>- Congresso Nacional</li> </ul>	<p>A proposta de passeios escolares referentes ao Turismo Cívico, possibilita que o educando conheça a cidade em que vive. Aprendendo sobre a história, curiosidades e a importância da Capital Federal. Tem o objetivo principal de exercício da cidadania, conhecendo seus direitos e deveres, ampliando a relação entre o sujeito e o lugar. Neste sentido, também realizam ações que incentivam o educando a exercitar esses direitos a partir de</p>

	<p>projetos como “Plenarinha” que permite que o educando conheça os espaços de tomada de decisão, realizando simulações de sessões plenárias.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Catedral</li> </ul>	<p>Uma das obras mais ilustres do eixo monumental e também uma das mais visitadas. A catedral tem o objetivo de apresentar tanto seu caráter religioso e sua história, como também sua arquitetura única e cheia de valor para seus visitantes e que impressionam os alunos que a visitam, ensinando sobre a importância do Brasil ser um país laico e como se repercute na prática.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Planetário</li> </ul>	<p>Para fixar os aprendizados em sala de aula, as visitas ao planetário tem grande impacto no ensino, pois, possibilita a imersão do educando no “Universo” por meio de simulações e objetos que estimulam o imaginário e torna o aprendizado mais divertido e efetivo quanto ao Sistema Solar e o que o cerca, estendendo o ensino teórico ao prático.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Superquadra 308 Sul - Quadra modelo da construção de Brasília</li> </ul>	<p>A quadra modelo tem muita história, além de ser tombada pelo IPHAN desde 2009 por ser formada por um conjunto de elementos dos principais responsáveis pela construção de Brasília, reunindo obras de Burle Marx, Athos Bulcão, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Com paisagismo, azulejos e construções e monumentos de grande destaque, ao visitar esses espaços, os educandos conhecem mais sobre a arquitetura, urbanismo e paisagismo de Brasília e a importância dessas obras como um patrimônio que deve ser valorizado.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazendinha</li> <li>- Zoológico</li> <li>- Jardim Botânico</li> <li>- Sítio Geranium</li> </ul>	<p>Do ponto de vista ambiental, os passeios para esses lugares buscam levar educação ambiental desde os anos iniciais até os finais para que os educandos conheçam o bioma Cerrado e entendam a importância de conservar a fauna e a flora como um todo. Lugares como a “fazendinha” permitem que o educando tenha um contato mais próximo e</p>



	interativo com os animais (galinhas, coelho, cavalo, cabritos) e cuidem deles.
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cinema</li> <li>- Parque de Diversões: Nova Nicolândia</li> <li>- Parque Aquático: Baypark</li> <li>- Museu da República</li> <li>- Museu Vivo da Memória Candanga</li> <li>- CCBB</li> <li>- Catetinho</li> <li>- Torre de TV</li> </ul>	Tendo caráter sociocultural, esses passeios podem ser vistos unicamente como diversão, entretanto também são uma forma de levar o educando a ter novas experiências e aprender com elas como relatado em outras entrevistas. “na diversão eles estão aprendendo” (Entrevistada 6) Visitas a museus são formas de levar os ensinamentos teóricos das Artes e Literatura e ensinar sobre modernismo, renascimento, manifestações culturais por meio de visitas que apresentem essas obras de arte, memórias por exemplo.

(RODRIGUES, Isabela; 2023)

Figura 4: Passeio ao Jardim Botânico de Brasília



Fonte: Jardim Botânico de Brasília

Figura 5: Alunos do CEF 1 em visita à Catedral de Brasília



Fonte: Agência Brasília | Foto: Renato Braga/Setur

As propostas que visam ensinar a história da Capital Federal apresentadas no Quadro 2, vão além de uma proposta teórica pensada a partir dos eixos transversais voltados à Cidadania. A transposição didática permite uma grande possibilidade de ampliar o olhar sobre o lugar e pertencimento a partir da experiência oportunizada pelo Turismo Pedagógico, ampliando o olhar sob a cidadania e o próprio dever como parte da construção desse lugar.

Podemos e devemos fazer da escola esse espaço da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. Criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que respeitem o direito à vida. Propiciar aos educandos o desenvolvimento da capacidade de perceber as consequências pessoais e sociais de suas escolhas. Construir o senso de responsabilidade. Tornar o cidadão participante, crítico, responsável e comprometido com a mudança das práticas e condições da sociedade que violam ou negam os direitos humanos é fundamental para um país democrático e justo (Antunes, 2008, p. 55).

A escola é um espaço que desenvolve debates sobre temas de grande relevância, inclusive quanto à educação ambiental e patrimonial, que são temas constantemente atacados pela falta de sensibilização e conhecimento quanto à importância da valorização desses bens.

08 de janeiro em Brasília: atentados à democracia e ao patrimônio público federal e da humanidade jamais anteriormente vistos no país. A praça dos três poderes e seus palácios (do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal), símbolos da democracia, foram os principais alvos do vandalismo insano de uma minoria inconformada com os resultados das eleições de outubro do ano passado (Veloso, 2023, p.2).

Para que atentados como este não sejam repetidos, é necessário compreender como a educação patrimonial é capaz de evitar que atos antidemocráticos cresçam e sejam entendidos por alguns como algo “certo”. Antunes (2008) ressalta que os espaços educacionais são importantes e devem criar condições para que a comunidade se expresse e articule ações, sejam eles de interesses individuais ou coletivos, mas que, em conjunto e por meio do diálogo, possam exercitar a cidadania, seja com debates específicos ou na tentativa de solucionar conflitos.

Baptista (2016, p.209) afirma que:

[...] estamos perante um imperativo de democracia e de hospitalidade ligados à necessidade de garantir a todos, sem exceção, oportunidades de aprendizagem potenciadoras de condições de autoria e realização pessoal. Uma escola democrática, aberta, inclusiva e integradora, é uma escola organizada de modo a que todas as crianças e jovens possam encontrar aí uma saída e um futuro, a sua saída e o seu futuro. Não se trata, portanto, de um acolhimento generalizado e abstrato, mas sim da atenção ao testemunho de alteridade de cada aluno, enquanto ser humano absolutamente único.

Ao trabalhar esses conceitos de forma unificada e prática, percebe-se que há uma gama de possibilidades para a transposição didática a partir do Turismo Pedagógico, todavia, mesmo os educadores tendo consciência da necessidade de existir um objetivo principal a ser trabalhado nas saídas pedagógicas, a transposição pode ser trabalhada de forma mais sólida nestes passeios, não tendo o lugar como um exemplo do que foi estudado na sala de aula ou o apresentando superficialmente, mas aprofundando e construindo o saber a partir das saídas.

É notório que, nas propostas da rede de ensino, é possibilitado às escolas de ensino fundamental a quebra de um ensino unicamente teórico, sendo incluído eventos culturais, passeios e experiências lúdicas durante o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, segundo os relatos, é possível perceber uma ausência ao trabalhar questões de pertencimento ou mesmo de educação patrimonial que são essenciais no processo do ser cidadão e de entender que o patrimônio, o lugar é da população.

Santos (2002) aborda em seu trabalho a Sociologia das ausências que “o objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças” e ao perceber que não só o Turismo Pedagógico é uma ausência, mas também o aprofundamento das questões de pertencimento, hospitalidade e cidadania também estão ausentes no ensino, ressalta a importância de incentivar o diálogo e a vivência desses temas que são parte do cotidiano do educando e que, por não serem trabalhados efetivamente, torna-se obsoleto e pode ocasionar atentados contra o patrimônio e a democracia como visto no dia 8 de Janeiro de 2023 em Brasília.

Figura 6: Passeio escolar na Praça dos três Poderes



Fonte: Extraclasse Turismo

### 3.3 O papel do educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico

É notório que o papel da direção é de suma importância para a realização de projetos e atividades, principalmente, extra-escolares cujo objetivo é levar os alunos a campo. Todavia, é de se perceber em todas as entrevistas, inclusive feita com guia de turismo que, o educador nem sempre está disposto a estarem à frente desse tipo de atividade, alguns dos motivos relatados na visão dos entrevistados são:

1. Preocupação com os alunos, medo de algo acontecer aos educandos durante os passeios.
2. Desinteresse, realizando somente o trabalho necessário e de preferência em sala de sala.

3. Sobrecarga de trabalho, considerando que alguns professores assumem mais de uma função dentro da escola.
4. Falta de entendimento sobre o quão relevante esses passeios são para o desenvolvimento do educando.

Outras razões se referem ao apoio, ou seja, alguns educadores se mostram interessados em estar participando da atividade desde sua construção, entretanto, não tem incentivo e apoio dos demais professores ou da própria direção, tanto por priorizarem outros assuntos, como por falta de recursos.

[...] Então, acho essas visitas muito necessárias. Mas, assim, cada vez mais a gente vê que está se tornando mais difícil de ser feito, né? E mais escasso, e as pessoas meio que não dão muito valor para isso [Entrevistado 3].

Ribas (1997, p. 69) ressalta que “é de responsabilidade da escola e do professor alargar cada vez mais o objeto de reflexão, a fim de transpor os muros da escola, assimilar e compreender as condições existentes no cotidiano”, pois, é necessário entrelaçar o meio com a realidade da sala de aula a fim de compreender como se dá essas relações e mostrar ao educando as possibilidades que há além da sala de aula. Uma das razões percebidas para esse desânimo e desinteresse por parte de muitos professores é o fato de não identificar essas saídas de campo como uma oportunidade para si próprio vivenciar esta prática. Não perceber a ida à Esplanada dos Ministérios ou o passeio pela Quadra Modelo da 308 Sul como Turismo Cívico, as idas a Fazendinha, Zoológico e parques como Turismo de natureza, não reconhecer o fenômeno turístico e não se reconhecer como Turista. Por outro lado, os entrevistados demonstraram entusiasmo na participação nas visitas pedagógicas, se inserindo no espaço e aprendendo junto com o educando, alguns têm prazer em ser monitor nesses passeios até para aproveitar a oportunidade de sair do âmbito da sala de aula. Sendo notório que realmente acreditam na força que o Turismo tem em auxiliar na aprendizagem.

Quanto ao papel exercido para a construção dessas práticas, os entrevistados ressaltaram que o processo se dá a partir das primeiras reuniões do corpo docente e direção e, neste momento definem os eixos que serão trabalhados e a partir desses eixos, escolhem os destinos que serão realizados os passeios, também verificam a questão de custos e em alguns casos (como escolas particulares), contratam

empresas especializadas em turismo pedagógico tais como as mencionadas na pesquisa. Deste modo, o passeio e os objetivos são estruturados da seguinte forma:

**Antes:** Nas aulas e em todo ensino teórico é aplicado, ocorrendo projetos com os temas pré-definidos. Nos momentos finais antes da realização do passeio, é feita uma preparação, com aulas que abordam os temas que serão vistos no passeio

**Depois:** Após o passeio, em alguns casos são feitas discussões e relatos acerca da visita e tanto durante o passeio, quanto após, os educandos demonstram que “notaram” o que foi dito em sala, nas visitas pedagógicas. Relacionando os temas teóricos com a realidade vivida.

Eles veem aprendizado nisso, sério, é de encher o olhinho de água. Geralmente a gente faz a parte teórica, antes do passeio, né? [...] até pro cinema mesmo, assim, a gente vai ver algum filme, o professor, ele já sabe que filme os alunos vão assistir, então a gente já faz esse trabalho, de ver o que esse filme vai falar, sobre qual tema vai ser abordado, e aí quando chega lá, eles começam “olha professora, a gente viu isso, olha”. Então assim, isso intensifica o processo de aprendizagem deles, não é uma coisa assim só por lazer, o lazer também está ali porque eles estão saindo, fora da escola, é um lugar diferente, então só de sair desse ambiente eles já veem como um lazer, mas que também, faz a aprendizagem ser mais sólida. Não é de maneira aleatória “ah tô só indo pro passeio” [Entrevistada 7].

Dessa forma, os professores entrevistados percebem o quanto os educandos conseguem absorver dessas visitas e mesmo que sejam novos demais para lembrar-se de todos os passeios, a experiência e a memória ficam guardadas dentro de cada um. Ao fazer o uso do ensino teórico-prático é preciso se atentar ao objetivo proposto, os professores, em sua maioria, relatam os passeios em Brasília por se tratar da Capital Federal e também por ser o lugar onde vivem. Principalmente nos anos iniciais, por volta do 4º ano são realizados projetos voltados para conhecer Brasília e se sentir parte do lugar. Ou seja, o sentimento de pertencimento é trabalhado a partir de aulas teóricas sobre a construção e vivências por meio dos passeios há Brasília, todavia, foi possível notar a falta que a repetição desses passeios fazem para fixar esses saberes sobre Brasília, a fim de não ser algo esquecido e sim construído com o passar dos anos, evitando que conhecimentos e valores sejam perdidos. Perinotto (2008, p.8) ressalta sobre atividades que devem estar presentes nas práticas de Turismo Pedagógico:

tais como o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e solidificação de amizades; respeito ao outro e fortalecimento da noção de pertencimento a um grupo ou a um ecossistema; experiência de autonomia; elaboração conjunta de regras de convivência, dentre outras.

Para que essas saídas não sejam vistas como algo monótono ou só diversão, é necessário que tenha um processo que permita que o educando sinta que essas saídas também são parte do seu desenvolvimento cognitivo, do senso de cidadania, de patrimônio, meio ambiente, do ser. Evitando que, no futuro, desmerecem e/ou vandalizam a própria história por não ter se permitido ou não ter tido a oportunidade de conhecê-la.

É ignorância no sentido de falta de conhecimento de saber o que é aquilo e, talvez se tivessem pelo menos feito o passeio na terceira série, pelo menos esse, já ia falar 'não, eu fui lá, acho que não vou quebrar não, vim aqui quando era criança' algo assim [Fala do Guia de Turismo quanto ao atentado na Esplanada no dia 8 de Janeiro de 2023].

É de se repensar quais ações de educação patrimonial têm sido feitas para despertar o sentimento de pertencimento ao lugar, seja por iniciativas da escola por meio do Turismo Pedagógico, ou por iniciativas da Universidade levando esse despertar a partir da extensão acadêmica. O Turismo Pedagógico proporciona a valorização e o sentimento de pertencimento ao lugar, estreitando as relações entre o sujeito e o espaço.

Gastal (2006, p. 9) considera que:

As pessoas, moradoras ou usuárias das cidades, não são fixos, mas fluxos a percorrer estes espaços. Colocar os moradores das cidades em movimento – assumindo sua condição de fluxos – para além de suas práticas rotineiras, num primeiro momento pode transformá-lo no cidadão turista, que irá, com o deslocamento, apropriar-se com maior competência dos espaços e situações. A cidade nos seus fixos, deixa de ser uma desconhecida, mesmo para seus próprios moradores, e torna-se o território familiar ao qual se constrói pertencimento e identificação, por passar a compartilhar seus códigos e, com eles, situar a própria subjetividade no urbano.

A prática de Turismo Pedagógico auxilia na construção desse laço entre o cidadão e o lugar a partir do deslocamento, do conhecer o lugar que vive, por meio do lazer, meio ambiente e a cultura vivenciada. Os elementos da cidade e o contato com o meio, estimula o apego ao lugar a partir das memórias criadas, seja com a família, amigos, sozinho ou com a escola que proporciona a aproximação do educando com o meio que está inserido e propõe uma ampliação da cidadania que é instigada pelo pertencer ao lugar.



## **EVIDÊNCIAS FINAIS**

As práticas do Turismo Pedagógico nas escolas do ensino fundamental do Distrito Federal, como possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania pelos dados analisados, apresentam-se como desafio de superação da percepção do estudo do meio apenas como “exemplos reais”, de conteúdos teóricos conforme relato dos entrevistados.

Ao analisar as concepções sobre Turismo por parte dos educadores responsáveis pelas práticas pedagógicas das viagens, constatamos que o turismo como prática pedagógica é pouco entendido pelos educadores, pois estes professores entrevistados não possuem plena concepção de que o passeio, mesmo que no local de residência, pode ser parte do fenômeno turístico. Entretanto, em viagens de formatura, por exemplo, entende-se como Turismo, mesmo sendo uma noção que se distancia do seu campo conceitual. O Turismo Pedagógico é reconhecido como visita, saída ou passeio pedagógico, sendo que há a necessidade de ser um deslocamento que tenha um objetivo, não se reduzindo só à diversão e, mesmo que atribuído aos eixos transversais dos projetos pedagógicos, o Turismo não é entendido como parte deste conhecimento transversal. Durante as entrevistas foi perceptível que os educadores entendem a importância do Turismo Pedagógico e o quanto pode auxiliar na construção do conhecimento, mas, não percebem a dimensão do conhecimento existentes nestas práticas de visitação e seu auxílio em suas disciplinas, reduzindo-as ao lúdico.

Deste modo, reafirma-se a necessidade da atuação de projetos de extensão ligados ao Turismo nas Escolas, com parcerias entre a Secretaria de Educação e Secretaria de Turismo para que ocorra um diálogo em que o Turismo Pedagógico seja uma possibilidade para a construção de um sujeito consciente, para que este, entenda a importância do patrimônio cultural material e imaterial de seu lugar, ampliando o sentimento de pertencimento e o exercício da cidadania. Onde o que é público e o que é de todos e tem-se o direito e o dever de zelar pelo lugar em que está inserido.



Tendo em vista que o Turismo é uma ciência interdisciplinar, existe uma facilidade em trabalhar as disciplinas nas saídas de campo, o que reafirma a capacidade do Turismo dialogar com as demais áreas do conhecimento, tais como: História, Ciências, Geografia, Biologia, Matemática, Português, Artes, entre outras presentes no currículo escolar. Nas entrevistas, ficou claro que é possível realizar saídas com objetivos que dialoguem entre as disciplinas, sendo práticas pedagógicas que estimulam o saber-fazer tanto individualmente quanto coletivamente. Logo, é possível perceber que os destinos visitados têm caráter interdisciplinar e conseguem abarcar os interesses de diversas disciplinas, seja no museu, zoológico ou parque de diversões. Se bem trabalhados, facilmente podem fazer uso do Turismo Pedagógico como parte da didática para sua ensinagem e com isso, motivar os educandos dentro e fora da sala de aula.

O papel do educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico se faz presente desde as aulas teóricas em que prepara-se o educando para os passeios, para que o mesmo entenda o que está sendo visitado e qual a importância do lugar para o ensino. Mesmo que sejam educandos de anos iniciais, são os primeiros contatos que eles têm com o lugar que vivem, observando e construindo aos poucos o sentimento de pertencimento que, em seguida, será essencial para o exercício da própria cidadania, ou seja, é importante que esse contato seja frequente e apresentado de forma lúdica para que o educando sinta-se acolhido e vivencie experiências boas e marcantes. O educador tem o papel de apresentar as possibilidades por meio da prática de Turismo Pedagógico e as saídas, pois, estas podem ser o estímulo para o educando começar a pensar no que ele quer para si mesmo. A visita a um museu pode aflorar um desejo de ser artista, a ida ao Plenário da Câmara dos Deputados, por exemplo, pode incentivá-lo a fazer a diferença por meio da política ou em outros movimentos sociais.

O educador pode incentivar o educando a entender o destino como um evento além de um exemplo do que viu em sala de aula e, ensinar a partir da visita, a importância da educação patrimonial, da sustentabilidade, do respeito, da hospitalidade e da cidadania por meio das práticas de Turismo Pedagógico. Deve-se ressaltar que muitos educandos não têm a oportunidade de conhecer os atrativos turísticos ou a própria cidade como um todo, por não ter alguém que possa

apresentá-lo ao lugar, ou seja, o educador pode ser a pessoa que vai oportunizar a vivência de levar o educando a conhecer a cidade, a observar as paisagens e ver que não é só a escola, casa ou trabalho, também há outros lugares e isso amplia a perspectiva do sujeito, demonstra que há lugares que ainda precisam ser visto e cada um deles tem uma história, um significado e uma razão para ser visto. A escola pode apresentar uma nova perspectiva por meio das saídas e, o Turismo tem poder para se tornar um transformador social, mas para isso, ele deve ser reconhecido e valorizado como um fenômeno.

Sabe-se que a hospitalidade e o Turismo tem uma forte relação e, no decorrer das entrevistas ficou perceptível o pouco entendimento entre a hospitalidade e as saídas de campo. Todavia, os entrevistados identificaram as práticas da hospitalidade dentro da sala de aula, principalmente no decorrer do ano para aqueles professores com disciplinas fixas que conseguem criar vínculos com os alunos e, por isso, até serem lembrados mesmo depois dos educandos saírem da escola, principalmente, devido o acolhimento que a escola tem para com os estudantes. A hospitalidade vai além do receber bem, é um processo constante que envolve toda a experiência em que o sujeito se encontra e constitui uma relação de cuidado e atenção com o que é acolhido. O processo de acolhimento é essencial na prática de Turismo e, o fato de não ser objetivo das práticas de Turismo Pedagógico é preocupante, pois, são essas ações que aproximam o sujeito do lugar, por se sentir bem recebido e parte do lugar que vive.

Ao analisar as práticas do Turismo Pedagógico nas escolas do ensino fundamental do Distrito Federal, como possibilidade de transposição didática dos conteúdos de ensinagem e ampliação da cidadania, constata-se ser possível. Ao promover uma participação ativa e democrática nas experiências pedagógicas e, ao relacioná-las aos direitos de uma democracia, o professor permite ao educando partilhar a responsabilidade de ser cidadão/dã do lugar, da cidade, do país.

Em meio a um contexto político conturbado no Brasil, onde o Estado de Direito Democrático está constantemente sendo atingido pelo mau exercício desta “cidadania” como o ocorrido citado, referente ao dia 8 de Janeiro de 2023 em Brasília/DF, quando o patrimônio cultural material, imaterial e simbólico foram

atacados de forma vil. A partir disso questiona-se que, se estes cidadãos tivessem uma educação cidadã, eles fariam esta destruição? As pequenas ações educativas, como as práticas do Turismo Pedagógico que atribuem na formação pela educação patrimonial e ampliação da cidadania são capazes de mitigar tais comportamentos de desrespeito civil? Essa investigação permitiu afirmar, como cidadã, e, turismóloga que o Turismo Pedagógico é uma prática educativa de grande potencial, principalmente se construído de forma interdisciplinar, sendo capaz de ampliar as perspectivas dos educando ao vivenciar um mundo real onde o conhecimento disciplinar e os saberes das disciplinas estão ali, vivos, próximos, criando assim maior empatia entre os educandos e os lugares de exercício de sua cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ALVES**, Leonir P.; **ANASTASIOU**, Lea das Graças C. (orgs.) Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Univille, 2015.

**ANASTASIOU**, Lea das Graças Camargos. A ensinagem como desafio à ação docente. Revista pedagógica, v. 4, n. 8, p. 65-77, 2002.

**ANSARAH**, M. G. dos R. Teoria Geral do Turismo. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.

**ANTUNES**, Ângela. Democracia e cidadania na escola: do discurso à prática. Múltiplas Leituras, v. 1, n. 2, p. 47-66, 2008.

**ARGUELLO**, Carlos. in Nogueira, Adriano (org) Contribuições da Interdisciplinaridade para a ciência, para a educação, para o trabalho sindical, Petrópolis, RJ, Vozes,1994.

**Banco Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 23/01/23

**BAPTISTA**, Isabel. Para uma fundamentação antropológica e ética da educação, a escola como lugar de hospitalidade. EDUCA-International Catholic Journal of Education, v. 2, p. 203-214, 2016.

**BENI**, Mário C. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo, SENAC,1998.  
\_\_\_\_\_. Análise Estrutural do Turismo/Mário Carlos Beni. - 8ª ed. atual São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

**BENI**, Mário Carlos; **MOESCH**, Marutschka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. Turismo: Visão e Ação, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017.

**SANTOS**, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista crítica de ciências sociais, n. 63, p. 237-280, 2002.

**BOLIGIAN**, Levon. A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia. 2003.

**BRASIL.** Art. 3º da Lei nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. D.O.U de 23/12/1996, pág. nº 27833.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

**BURKART E MEDLIK** in Fuster, Fernandez. Teoria y Técnica del Turismo,4 ed.Madrid: nacional, 1974

**CALLAI**, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004.

**CAMPOS**, Sinara Rafaela. Os cinco sentidos da hospitalidade. Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, v. 3, n. 1, 2008.

**CASTELLAR**, Sônia. A cidade e a cultura urbana na geografia escolar. Boletim Paulista de Geografia/Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 85, p. 95-111, 2006.

**CASTELLS**, Manuel. *La era de la información. Economía, sociedad y cultura. La Sociedad* Red.,v.12, Madrid: Alianza,1997.

**CHEVALLARD**, Yves. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2013.

**CHOAY**, Françoise. A alegoria do patrimônio. Unesp, 2011.

**DE CARVALHO**, Maysa Sena; **MOESCH**, Marutschka Martini. Turismo como fenômeno social e suas implicações no espaço rural. Revista Brasileira De Ecoturismo (RBEcotur), v. 6, n. 2, 2013.

**DE CARVALHO**, Renata Coppieters O.; **VIEIRA**, Salete; **DOS SANTOS VIANA**, Moisés. Visitas Técnicas: Ensino-Aprendizagem no Curso de Turismo. 2012.

**DE FÁTIMA POLIDORO**, Lurdes; **STIGAR**, Robson. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar.

**DE LA TORRE**. Oscar . *El turismo fenómeno social México, Fondo de Cultura Económica, 1992*

**DE LIMA CAMARGO**, Luiz Octávio. Os interstícios da hospitalidade. Revista Hospitalidade, p. 42-69, 2015.

**DE MEDEIROS**, Mércia Carréra; **SURYA**, Leandro. A importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. 2009.

**DEMO**, Pedro. Desafios modernos da educação. Petrópolis: Vozes,1993.

\_\_\_\_\_. Conhecimento Moderno Sobre ética e intervenção do conhecimento, Ed. Vozes, Petrópolis,1997.

**DE SOUSA**, Gláucia Lourenço et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, 2011.

**DE SOUZA**, Rita de Cássia Alves; **MELO**, Karol Monteiro Mota; **PERINOTTO**, André Riani Costa. O TURISMO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: As aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). Rosa dos Ventos, v. 3, n. 1, p. 51-61, 2011.

**DE SOUZA**, Salete Eduardo; **DE GODOY DALCOLLE**, Gislaine Aparecida Valadares. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. Arq Mudi. Maringá, PR, v. 11, n. Supl 2, p. 110-114 p, 2007.

**DE SOUZA BONFIM**, Mailane Vinhas. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. Turismo-Visão e Ação, v. 12, n. 1, p. 114-129, 2010.

**DISTRITO FEDERAL**. Secretária de Estado da Educação. Currículo em movimento do Distrito Federal. Acesso: 23 de Janeiro de 2023.  
Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-curriculo-em-movimento/>.

**DOS SANTOS**, Vera Maria; **DE GÓIS**, Magaly Nunes. A disciplina em Locke e a formação do homem burguês. Revista Tempos e Espaços em Educação, UFS, v. 3, p.79-86, jul./dez. 2009

**DUARTE**, Sérgio Martins. Os impactos do modelo tradicional de ensino na transposição didática e no fracasso escolar. 2018. Tese de Doutorado.

**FARIAS**, Mayara Ferreira de; **SONAGLIO**, Kerlei Eniele. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no turismo. 2013.

**FAZENDA**, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994

**FLEURI**, Reinaldo M. Educar para quê? São Paulo: Cortez, 1992.

**FRANCO**, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 97, p. 534-551, 2016.

**FUSTER**, Fernandez, Introdução a Técnica e Teoria del Turismo. 4 ed. Madrid: Nacional , 1974.

**FUSTER**, Fernandez. *Teoria y Técnica del Turismo*. 4ed. Madrid; Nacional, 1974. Tomo I e II.

**GADOTTI**, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 01-300, 2000.

**GASPARIN**, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

**GASTAL**, Susana. Turista Cidadão: uma contribuição ao estudo da Cidadania no Brasil. In: Proceedings of XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2006.

**GASTAL**, Susana; **MOESCH**, Marutschka. Turismo, políticas públicas e cidadania. São Paulo: Aleph, p. 40, 2007.

**GOMES**, Daiana Silva; **MOTA**, Karol Monteiro; **PERINOTTO**, André Riani Costa. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). *Turismo e Sociedade*, v. 5, n. 1, 2012.

**HALL**, A. D.; **FAGEN**, R. E.; *Definitions of systems, General Systems Yearbook*, 1, 1956.

**JACOBI**, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2003.

**JAFARI**, Jafar; **RITCHIE**, JR Brent. Toward a framework for tourism education: Problems and prospects. *Annals of tourism research*, v. 8, n. 1, p. 13-34, 1981.

**JAPIASSU**, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *As Paixões da Ciência*, Ed. Letras e Letras, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. 2006.

\_\_\_\_\_. *O sonho transdisciplinar*. *Revista Desafios*, v. 3, n. 1, p. 3-9, 2016.

**JAPIASSU**, Hilton; **MARCONDES**, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

**LEIS**, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005.

**LEITE**, Daniela Carvalho Bezerra; **MOESCH**, Marutschka Martini. A experiência do turismo cidadão na feira permanente da Ceilândia/DF. *SILVA*, p. 217, 1985.

**LESTINGE**, Sandra; **SORRENTINO**, Marcos. As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 14, p. 601-619, 2008.

**MAFFESOLI**, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis. Vozes, 1996

\_\_\_\_\_. *O tempo das Tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. RJ, Forense, 1998.

**MARGONI**, Catherine C. et al. Reflexões sobre a aplicação da interdisciplinaridade em cursos de turismo. São Paulo, 2006.

**MARUJO**, Noémi; **SANTOS**, Norberto. *Turismo, Turistas e Paisagens*. 2012.

**MARUJO**, Maria Noémi; **CRAVIDÃO**, Fernanda. Turismo e Lugares: uma visão geográfica. *PASSOS–Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 10, n. 3, p. 281-288, 2012.

**MATEUS**, Maria do Nascimento Esteves. *O estudo do Meio Social como processo educativo de desenvolvimento local*. Instituto Politécnico de Bragança, 2008.

**MELO**, Mariana Inocência Oliveira et al. Parque Farroupilha, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 2, n. 1, 2014.

**MENEGHETTI**, Renata Cristina Geromel. Sobre a transposição didática dos cardinais e ordinais. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

**MENEZES**, M. B. de. (2004). Investigando o processo de transposição didática interna: o caso dos quadriláteros. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Recife, Brasil.

**MILAN**, Priscila Loro et al. Viajar para aprender: turismo pedagógico na região dos Campos Gerais-PR. 2007.

**Ministério da Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>

**Ministério do Turismo**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/orgaos/ministerio-do-turismo>>. Acesso em: 6/02/23

**MOESCH**, Marutschka; **BENI**, Mário Carlos. Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. Recuperado Jan, v. 2, p. 2020, 2015.

**MOESCH**, Marutschka; **REJOWSKI**, Mirian; **GASTAL**, Suzana. Domínio Material e Conceitual do Turismo, In: 2º Seminário Nacional dos Programas de pós-graduação em Turismo, Balneário Camburiú-SC, 2005.

\_\_\_\_\_. A produção do saber turístico. editora Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. Turismo: investigação e crítica. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 25-44, 2002.

**MOLINA**, Sergio. *El Posturismo*, México, 1998.

**MONTEIRO**, Maria de Fátima M C. Oficina: Ensino pós-constructivista. Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília. 2022.

**MORIN**, Edgar. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Para sair do Século XX. RJ: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.

**MORIN**, Edgar; **NICOLESCU**, Basarab; **FREITAS**, Lima de. Carta da transdisciplinaridade. Portugal, Convento da Arrábida, novembro de 1994.



**NICOLESCU**, Basarab et al. O manifesto da transdisciplinaridade. 1999.

**Organização Mundial de Turismo (OMT)**. *Anuário de estatísticas del turismo*. 47 ed. Madrid, v.1

\_\_\_\_\_. Dados do Seminário Conta Satélite, Porto Alegre, câmara de Turismo/OMT, 2000.

**PEREIRA**, Marlene Silva. Relação entre hospitalidade e o processo educativo. 2016.

**PERINOTTO**, André RC. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. Caderno virtual de Turismo, v. 8, n. 1, 2008.

**PONTUSCHKA**, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: O ensino de geografia no século XXI. VESENTINI, J. W. (Org). p. 249-287. Campinas, SP: Papirus, 2004.

**RAYKIL**, Eladyr Boaventura; **RAYKIL**, Cristiano. Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino aprendizagem. Revista Global Tourism-Periódico de Turismo, v. 2, n. 1, 2005.

**RIBAS**, Marina Holzmann. Educação para o turismo. Olhar de Professor, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2002.

**SABALLA**, Viviane Adriana. Educação patrimonial “Lugares de memória”. Revista Mouseion, v. 1, p. 23-25, 2007.

**SAN ROMAN**, P. *El fenómeno del turismo*. Madrid: Instituto de Estudios Turísticos, 1979.

**SANT'ANNA**, Fernanda da Silva. Educação patrimonial e a formação do turista cidadão: um estudo de caso sobre o projeto re (vi) vendo êxodos. 2015.

**SAUVÉ**, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. Educação e pesquisa, v. 31, p. 317-322, 2005.

**Secretária de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação**. Principais Localidades do Distrito Federal. Disponível em: <[http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/01/principais\\_localidades\\_df.jpg](http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/01/principais_localidades_df.jpg)>. Acesso em: 15 fev. 2023. Adaptado pelo autor

**SCREMIN**, Juliane; **JUNQUEIRA**, Sérgio. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. Caderno de Estudos e Pesquisa de Turismo, Curitiba, v. 1, p. 26-42, 2012.

**TEIXEIRA**, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de história. Biblos, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008.

**URRY**, John O Olhar do Turista, SP. Ed. Studio Nobel, 1998.

**VALDUGA**, Vander; **FERNANDES**, Aparecida do Rocio Almeida. Turismo Pedagógico: uma práxis transdisciplinar entre o turismo e a pedagogia. Anais do XIII ANPTUR, 2016.

**VASCONCELLOS**, Natália Batista de. Paranaguá a pé com as crianças: proposta de um roteiro turístico direcionado ao público infantil no centro histórico da cidade.2015.

**VEIGA**, Ilma P.A. A prática pedagógica do professor de didática. Campinas: Papyrus,1989.

**VELOSO**, Maísa; **ELALI**, Gleice Azambuja. Editorial V. 8 N. 1 Janeiro de 2023. Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente, v. 8, n. 1, 2023.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Escola; Região Administrativa; Série/período; Disciplina; Função; Ano; Metodologia de ensino

Qual sua concepção de Turismo? E de Turismo Pedagógico?

Você identifica a prática de Turismo Pedagógico em sua disciplina? Se não, identifica em outras disciplinas? De que forma?

De que forma o estudo do meio contribui para o ensino em sua disciplina?

Quais as possibilidades o processo de saída de campo permite?

A escola dispõe de saídas de campo, visitas técnicas ou viagens turísticas?

Qual a nomenclatura utilizada para se referir ao turismo pedagógico?

Como se dá o processo de organização, desde o antes, durante e depois das saídas

Quais as dificuldades encontradas para a realização das visitas de campo?

Como são realizadas?

Quais os custos?

O que você entende por hospitalidade? Você identifica as práticas de hospitalidade nas saídas?

Qual o seu papel, como educador, na realização de tais atividades?

Se sim, qual o objetivo das saídas de campo?

Qual o retorno (aprendizado) esperado?

Acredita que essa prática é importante? Porquê?

Os passeios são uma forma de exercitar o senso de pertencimento e a própria cidadania?

Os objetivos das saídas de campo, exercitam o direito ao patrimônio cultural e ambiental do DF, ou, reduz-se à diversão?

Qual o seu papel como educador na construção das práticas de Turismo Pedagógico?